

Prática de Ensino Supervisionada em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Cármem Teixeira Pinto

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de
Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico*

Orientado por
Professor Doutor Paulo Miguel Mafra Gonçalves

**Bragança
novembro de 2017**

Prática de Ensino Supervisionada em Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico

Cármén Teixeira Pinto

*Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de
Educação de Bragança para obtenção do Grau de Mestre em
Ensino do 1.º e do 2.º Ciclo do Ensino Básico*

Orientado por
Professor Doutor Paulo Miguel Mafra Gonçalves

**Bragança
novembro de 2017**

Se eu não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro.

D. Pedro II

Agradecimentos

Ao meu orientador, professor Paulo Mafra, que me acompanhou ao longo desta caminhada com o seu lado profissional e amigo, agradeço profundamente toda a ajuda, apoio, compreensão e permanente disponibilidade;

Aos professores supervisores, professora Elza Mesquita, professor Paulo Mafra, professora Cristina Mesquita, professor Carlos Morais e professora Carla Araújo, que foram parte integrante deste trabalho prestando-me todo o auxílio e partilha de conhecimentos;

Aos professores que fizeram parte do meu percurso académico, em especial, ao professor Manuel Vara Pires, à professora Cristina Martins, ao professor Luís Castanheira e à professora Carla Guerreiro agradeço pelos ensinamentos, por toda a ajuda, preocupação e humanismo;

Aos professores cooperantes, por tão simpática receptividade e pelos sábios conselhos;

Às instituições, à comunidade escolar e, em particular, aos alunos pelo carinho e por tão generosamente me receberem, tornando possível esta etapa tão importante da minha formação;

Aos meus pais...por tudo, pela educação que me deram, pelos valores que me transmitiram, pelo apoio, pela vida que me proporcionaram, pelo curso...enfim, foram, são e serão os pilares da minha vida.

Ao meu irmão, pelo excelente amigo e companheiro, por ser um exemplo de admiração a nível pessoal e profissional;

Ao Nuno, pela pessoa maravilhosa que é, pelo incessante companheirismo, pela inabalável amizade, pelo precioso carinho, por compreender as minhas ausências, por me instigar a continuar quando, por vezes, a minha vontade era desistir...por ser quem é e fazer parte da minha vida;

Às amigas e colegas, Márcia, Alexandra, Eva, Catarina, Ana e Fátima, pelas palavras de incentivo, pela troca de impressões, pela enriquecedora amizade e por respeitarem o meu lugar...que tantas vezes ficou vazio.

A todos, o meu profundo agradecimento!

Resumo

No âmbito da unidade curricular Prática de Ensino Supervisionada, inserida no Mestrado em Ensino do 1.º e 2.º Ciclo de Ensino Básico, foi realizado o presente relatório que visa explicar parte do trabalho desenvolvido no ano letivo 2012/2013 (ano de estágio concernente ao Mestrado).

Este relatório assume especial destaque na apresentação de algumas experiências de ensino e aprendizagem trabalhadas com alunos do 1.º e 2.º ciclos do ensino básico. Neste sentido, numa primeira parte, apresentar-se-á a caracterização dos contextos educativos, com o propósito de elucidar sobre o meio envolvente e a população estudantil. Numa segunda parte, apresentar-se-ão experiências de ensino aprendizagem realizadas na aula de 1.º ciclo do Ensino Básico, com as seguintes áreas do saber: Estudo do Meio, Expressões, Português e Matemática. No que concerne ao 2.º ciclo, apresenta-se, igualmente, uma experiência de aprendizagem para cada unidade curricular: Ciências da Natureza, História e Geografia de Portugal, Matemática e Português.

Por último a terceira parte, onde são tecidas considerações finais consequentes do trabalho realizado ao longo de toda esta caminhada, assumindo uma postura reflexiva sobre a condição do professor.

Palavras-chave: Prática de Ensino Supervisionada; 1.ºCiclo do Ensino Básico; 2.º Ciclo do Ensino Básico.

Abstract

Within the course of Supervised Teaching Practice, part of the Master in Education on the 1st and 2nd basic education cycle was conducted for this report which aims to explain part of the work in the school year 2012/2013 (year of internship which included the Master).

This report is particularly highlighted in the presentation of some educational experiences and learning worked with students of 1st and 2nd cycle of basic education. In this sense, in the first part, the characterization will be presented the educational contexts, with the proposal to elucidate on the surrounding environment and student population. The second part will present teaching and learning experiences in the classes of 1st cycle of basic education, to the following areas of knowledge: Environmental Studies, Arts, Portuguese and Mathematics. In what concerns to the 2nd cycle, is also mentioned a learning experience for each course: Natural Sciences, History and Geography of Portugal, Mathematics and Portuguese.

Last but not least, the third part, in which are treat the final considerations, resulting from the work done throughout this walk, taking a reflective attitude about the condition of the teacher.

Keywords: Supervised Teaching Practice; 1st cycle of basic education; 2nd cycle of basic education.

Índice Geral

Agradecimentos	vii
Resumo	ix
Abstract.....	xi
Índice de Figuras	xv
Introdução.....	1
I-Caracterização dos contextos educativos.....	3
1. Caracterização da escola do 1.º ciclo do Ensino Básico.....	3
1.1. Caracterização da turma	3
2. Caracterização das escolas do 2.º ciclo do Ensino Básico.....	5
2.1. Caracterização das turmas	5
2.1.1. Ciências da Natureza.....	5
2.1.2. História e Geografia de Portugal	5
2.1.3. Matemática	6
2.1.4. Português	6
II-Experiências de Ensino e Aprendizagem	9
1.Apresentação e descrição da aula de 1.º ciclo	9
1.1. Reflexão e considerações	14
2.Apresentação e descrição da aula de Ciências da Natureza	16
2.1.Reflexão e considerações	19
3.Apresentação e descrição da aula de História e Geografia de Portugal	21
3.1.Reflexão e considerações	24
4.Apresentação e descrição da aula de Matemática	25
4.1. Reflexão e considerações	28
5.Apresentação e descrição da aula de Português	30
5.1. Reflexão e considerações	34
III-Considerações finais.....	37
Referências bibliográficas	39
Anexos.....	41
Anexo I. Carta do “Pai Natal”	42

Anexo II. Acróstico <i>Inverno</i>	43
Anexo III. Ficha de atividades – Estudo do meio (A)	44
Anexo IV. Ficha de atividades – Estudo do meio (B)	46
Anexo V. Adivinhas	48
Anexo VI. Texto: O Árbitro de Futebol	49
Anexo VII. “Testemunhos” de leitura	50
Anexo VIII. Ficha de atividades - Português (A)	51
Anexo IX. Ficha de atividades - Português (B)	52
Anexo X. PowerPoint: Multiplicação – Adição de parcelas iguais	53
Anexo XI. Ficha de atividades – Matemática (A)	54
Anexo XII. Ficha de atividades – Matemática (B)	56
Anexo XIII. PowerPoint: Portugal no século XIII – O reino de Portugal e do Algarve	58
Anexo XIV. Ficha de atividades – História e Geografia de Portugal	62
Anexo XV. Ficha de atividades – Matemática	64
Anexo XVI. Perguntas do jogo: <i>O Jogo do Loto</i>	65
Anexo XVII. Proposta de escrita: <i>Fábrica das Histórias</i>	67
Anexo XVIII. Receita para construir histórias	68

Índice de Figuras

Figura 1. Adivinha “O vento”	9
Figura 2. Adivinha “A neve”	9
Figura 3. Adivinha “O guarda-chuva”	9
Figura 4. Adivinha “O boneco de neve”	9
Figura 5. Produto final dos alunos - Acrósticos sobre o <i>Inverno</i>	11
Figura 6. <i>Bonecos de Neve</i> - redigidos, pintados e recortados pelos alunos	11
Figura 7. Elaboração textual (Aluno A)	12
Figura 8. Elaboração textual (Aluno B)	13
Figura 9. Conceção de um aluno	13
Figura 10. Trabalho final elaborado pelo 1.º grupo	18
Figura 11. Trabalho final elaborado pelo 2.º grupo	18
Figura 12. Trabalho final elaborado pelo 3.º grupo	19
Figura 13. Trabalho final elaborado pelo 4.º grupo	19
Figura 14. <i>Mapa de Portugal</i>	23
Figura 15. Cartões com características do relevo, rio, clima e vegetação	23
Figura 16. <i>Mapa de Portugal</i> - características naturais identificadas pelos alunos	23
Figura 17. Cartões - <i>O Jogo do Loto</i>	27
Figura 18. Cartões com perguntas – <i>O Jogo do Loto</i>	27
Figura 19. Os “números”	27
Figura 20. Conclusão do grupo vencedor	27
Figura 21. Chupas – recompensa do grupo vencedor	27
Figura 22. Rebuçados- oferta aos restantes grupos	27
Figura 23. Esquema da sala de aula - Matemática	30
Figura 24. Realizando a tarefa - “Proposta de Escrita”	31
Figura 25. Proposta de escrita de um aluno	32
Figura 26. Tarefas concluídas, por dois alunos, com a mesma proposta de escrita	33

Nota: Os trabalhos realizados pelos alunos, presentes neste relatório, estão sem correção ortográfica.

Introdução

O presente relatório aborda e reflete sobre as práticas lecionadas, priorizando a descrição das experiências de ensino-aprendizagem, nomeadamente, erros cometidos, a perspectiva pós-erro, ajustes metacognitivos, vantagens, as concepções dos alunos e a abordagem reflexiva.

São explanados ao longo deste relatório determinados diálogos, enfatizando a humanização das relações professor/aluno, considerando que é fulcral criar ambientes onde se possam desenvolver metodologias que permitam ao aluno adquirir conhecimentos e competências essenciais para o seu desenvolvimento pessoal e profissional. Assim como assegura Balancho (1996), “A humanização das relações professor / aluno passa pelo diálogo franco e aberto, em que as fronteiras se esbatem; da experiência vivencial do aluno, o professor aprenderá a conhecê-lo; é um processo mútuo de aprendizagem.” (p.28).

As imagens e os anexos são também parte integrante deste relatório, permitindo um melhor enquadramento e uma exposição mais perceptível do trabalho desenvolvido em sala de aula.

Para a realização da Prática de Ensino Supervisionada, um caminho complexo e diversificado teve que ser trilhado. Ao longo deste relatório, está explanado um trabalho que foi reflexo de várias etapas, a observação, a cooperação e a intervenção. Embora as práticas sejam retratadas através da intervenção, as restantes foram aliadas imprescindíveis. A observação foi essencial porque permitiu absorver noções e condutas profissionais de toda a comunidade escolar, nomeadamente, a postura dos alunos em contexto sala de aula e os exemplos de docentes experientes que cheguei a adotar nas minhas práticas. A cooperação pode entender-se que é o integrar de uma prática profissional sempre com o suporte de um professor orientador, aqui aplica-se a teoria adquirida e as noções práticas apreendidas da observação, é também, a transição e a preparação para uma prestação mais autónoma – a intervenção. É nesta fase crucial (a intervenção) que se mergulha numa prática profissional cujo principal objetivo é promover a destreza cognitiva dos alunos, estimular o intelecto, partilhar conhecimentos, preparar para o futuro o que de mais importante temos...as crianças.

I-Caracterização dos contextos educativos

É essencial o conhecimento dos contextos educativos na apresentação de um trabalho desta natureza. Isto porque o trabalho formativo do professor passa pela prática em contextos. E neste sentido, para um melhor enquadramento, segue-se uma caracterização dos contextos das instituições e das turmas, onde a Prática de Ensino Supervisionada foi desenvolvida. Atendendo a que a escola é um espaço físico onde o aluno passar grande parte do tempo e onde se estruturam alicerces para a sua formação, enquanto aluno e ser humano, importa que esta seja um espaço que lhe proporcione felicidade e bem-estar. Nesta perspetiva, corroboro com Freeman (1997) quando afirma que,

“A escola é um sítio, uma casa, um altar da humanidade, onde pulsa/impera, se cultiva e cultura a exigência do alto e da qualidade. (...) A escola como templo de aprendizagem autêntica que lhe cumpre ser, deve ser um espaço de felicidade para as crianças e os jovens que nela passam uma parte longa e importante da sua vida.” (p. 72).

1. Caracterização da escola do 1.º ciclo do Ensino Básico

A escola onde decorreu esta Pática do Ensino Supervisionada apelida-se de *Escola EB1 Artur Mirandela*, uma instituição de ensino público, localizada no concelho de Bragança. Esta está situada no Bairro Artur Mirandela, pertencente ao Agrupamento de Escolas Abade de Baçal.

A instituição, apesar de arquitetonicamente antiga, era detentora de boas estruturas como três salas de aula, uma biblioteca, dois W.C, um pequeno espaço para o convívio dos professores, um espaço interior para resguardo das crianças aquando do mau tempo, um espaço exterior de diversão (com baloiços e um escorrega para deliciar os interregnos das crianças) e um contentor onde são servidas as refeições.

A EB1 Artur Mirandela é uma escola pequena, com um núcleo estudantil bastante diminuto, composta por 28 alunos, desde o 1.º ao 4.º ano de escolaridade.

1.1. Caracterização da turma

Foi na turma de 2.º ano que parte do trabalho pedagógico foi desenvolvido. Porém, por vezes, havia uma turma de 1.º ano, de seis alunos (dois meninos e quatro meninas), que permaneciam na nossa sala, em virtude de não terem professor, diariamente. Sempre que isso acontecia, era a professora cooperante que prestava o apoio e o auxílio necessário a esses alunos.

Referente à turma de 2.º ano, esta era constituída por oito alunos, cinco do género masculino e três do género feminino. Importa ressaltar que, um aluno apresentava Necessidades Educativas ao nível visual, sendo acompanhado por um professor de Apoio Educativo, duas vezes por semana. No entanto, a nível de desenvolvimento cognitivo era um aluno apto, sujeito a uma avaliação normal.

A nível comportamental, parte da turma revelava algumas dificuldades em cumprir as regras de boa conduta, dificuldades em permanecerem sentados, revelando grande imaturidade e pouca responsabilidade na execução das tarefas propostas.

O resultado escolar dos alunos era muito heterogéneo. Evidenciavam-se discrepâncias cognitivas notórias, sendo que três alunos apresentavam interesse, autonomia, curiosidade, motivação e destreza, adquirindo resultados bastante satisfatórios. Já os restantes cinco alunos tinham dificuldades em concentração, no domínio autónomo, na assimilação de conteúdos, na interpretação, (...). Neste sentido, era necessário adotar métodos de trabalho que fossem vantajosos para ambos. Assim, reajustei a administração de trabalho na sala de aula e em casa, elaborei diferentes fichas de trabalho (ajustadas às capacidades e ritmos de trabalho de cada um) evitando o desinteresse e a desmotivação por parte dos alunos. Uma vez que, “motivar o aluno para a aprendizagem é relacioná-la com as suas necessidades pessoais e com os objetivos da própria aprendizagem.” (Tavares e Alarcão, 1990, p.106).

A sala de aula, apesar de visivelmente antiga, tinha bons recursos materiais, três quadros (giz, interativo e de marcador), um armário onde se guardava todo o material didático, aquecimento e as paredes eram revestidas de quadros de cortiça para possibilitar a exposição dos trabalhos realizados pelos alunos.

Na minha opinião, o espaço e o equipamento da sala de aula contribui, significativamente, para um enriquecimento do desenvolvimento cognitivo do educando. Tal como afirma Montessori (1960), “O espaço pedagógico tem que ser plural, isto é, deve permitir uma diversidade de situações de aprendizagem e, nesta medida, facilitar a cooperação entre os alunos e o acesso a uma pluralidade de fontes, materiais e equipamentos.” (p.138).

No que concerne ao corpo docente da escola, era composto por duas professoras titulares de turma, uma professora a tempo incompleto, uma professora de apoio, três professoras das AEC (inglês, música e religião moral) e o professor de necessidades educativas especiais. Salienta-se, ainda, duas auxiliares de ação educativa sendo, também, parte integrante e fundamental da escola.

2. Caracterização das escolas do 2.º ciclo do Ensino Básico

A Pática de Ensino Supervisionada, no 2.º ciclo, decorreu em duas instituições do ensino público da cidade de Bragança. As disciplinas de matemática, ciências da natureza e história e geografia de Portugal decorreram na *Escola Básica 2.º e 3.º Ciclos Paulo Quintela*. A escola é agora detentora de novos equipamentos, sofreu remodelações e melhorou significativamente as suas infraestruturas beneficiando, assim, as condições de toda a comunidade escolar.

A disciplina de português, realizou-se na *Escola Básica 2.º e 3.º Ciclos Augusto Moreno*, pertencente ao Agrupamento de Escolas Abade de Baçal. A instituição de ensino é, igualmente, portadora de inúmeras valências de apoio que contribuem para uma aprendizagem mais enriquecedora.

E porque o meio envolvente influencia significativamente os alunos, importa dizer que as instalações e equipamentos de ambas as escolas reuniam as condições necessárias ao seu desenvolvimento, uma vez que estes passam grande parte da sua vida no meio escolar, adquirindo conhecimento, cultura e civismo.

2.1. Caracterização das turmas

2.1.1. Ciências da Natureza

Esta prática de ensino e aprendizagem foi desenvolvida na turma do 5.º D, constituída por dezasseis alunos, sete do género feminino e nove do género masculino, com idades compreendidas entre os dez e os onze anos de idade. A maioria dos alunos tinha uma ótima capacidade de aquisição de conhecimentos, eram recetivos, participativos e empenhados, porém, bastante faladores. Existiam duas alunas com bastantes dificuldades a nível de raciocínio e obtenção de competências.

2.1.2. História e Geografia de Portugal

A turma do 5.º A era composta por vinte e um alunos, dezasseis do género feminino e cinco do género masculino, com idades compreendidas entre os dez e os doze anos de idade.

No que diz respeito ao nível de aprendizagem era uma turma heterogénea, apresentando diferentes níveis de aprendizagem.

Devo referir que coexistiam alunos com alguns problemas a nível familiar, escolar e afetivo, provenientes de famílias desestruturadas. Importa mencionar que, integravam esta turma crianças de diferentes etnias.

Devido à dissemelhança da turma e ao contexto social em que estavam inseridos, existiam alguns alunos que criavam problemas de indisciplina, eram perturbadores e encontravam-se em constante distração, não apreendendo a matéria lecionada, chegando, a ter comportamentos agressivos e verbalmente ofensivos para os colegas e, por vezes, comentários menos apropriados para os professores.

Saliento, ainda, a falta de hábitos de estudo, algo que penso ser inerente aos escassos apoios em casa, refletindo-se num mau aproveitamento escolar.

2.1.3. Matemática

Foi na turma do 5.º E que se vivenciou a experiência de ensino e aprendizagem, esta constituída por vinte e quatro alunos, nove do género feminino e quinze do género masculino, com idades compreendidas entre os dez e os onze anos de idade.

Tratava-se de uma turma heterogénea, apresentando níveis distintos de aprendizagem, alunos com variadíssimas dificuldades na aquisição de conhecimentos e outros com ótimas capacidades na aquisição dos mesmos. Regra geral, eram alunos motivados e empenhados, no entanto, quatro deles eram mais perturbadores, destabilizando o bom funcionamento da turma, sendo necessário reestruturar os lugares ocupados pelos mesmos. Assim, integravam lugares mais afastados dos colegas, evitando o diálogo permanente.

Ressalvo a falta de hábitos de estudo, em alguns alunos, algo que julgo ser reflexo dos escassos apoios familiares, dificultando-lhes o trabalho, sendo difícil a sua aprendizagem.

2.1.4. Português

A experiência de ensino e aprendizagem, de português, decorreu na turma do 5.º F, formada por catorze alunos, quatro do género feminino e dez do género masculino, com idades compreendidas entre os dez e os doze anos de idade.

Era uma turma heterogénea, apresentando vários níveis de aprendizagem.

Dois destes alunos integraram a turma apenas no terceiro período e a adaptação não foi imediata, acabando até por fomentar algum desequilíbrio na sala de aula. Devo ainda referir que estavam inseridos na turma dois alunos institucionalizados na *Casa de*

Trabalho Oliveira Salazar, detentores de alguns problemas a nível familiar, escolar e afetivo, provenientes de famílias desestruturadas. Um aluno apresentava Necessidades Educativas (Síndrome de Asperger). Atendendo às características que contemplam a Síndrome de Asperger, e conseqüentemente às limitações do aluno em causa, era notório o interesse que demonstrava na aula, manifestando desagrado por não conseguir acompanhar o ritmo de trabalho dos colegas, nomeadamente, copiar o sumário e a matéria a ser lecionada, a realização de fichas.... Adotava uma postura serena, porém, quando importunado pelos colegas reagia impulsivo e agressivo. Carecia de uma avaliação, exclusivamente, qualitativa (era-lhe atribuído, sempre, *satisfaz* pelo empenho que demonstrava, já que o trabalho que realizava era ilegível). Comportamentos normais de quem padece desta doença já que,

“A Síndrome de Asperger é uma perturbação neuro-comportamental de base genética. Pode ser definida como uma perturbação do desenvolvimento que se manifesta por alterações sobretudo na interação social, na comunicação e o comportamento. Embora seja uma disfunção com origem num funcionamento cerebral particular, não existe marcador biológico, pelo que o diagnóstico se baseia num conjunto de critérios comportamentais.” (APSA, 2016)

Atendendo à dissemelhança da turma e ao contexto social em que se inseriam, existiam quatro alunos repetentes que, por vezes, criavam alguns problemas de indisciplina. Encontravam-se em constante distração, negligenciavam o material necessário à aula, não apreendiam a matéria lecionada, chegando, por vezes, a tecer comentários infelizes ao colega com necessidades educativas especiais.

II-Experiências de Ensino e Aprendizagem

1.Apresentação e descrição da aula de 1.º ciclo

Na aula foram abordados os seguintes conteúdos programáticos, inseridos no Programa Curricular do Ensino Básico – 1.º Ciclo:

- Estudo de Meio – *À descoberta do ambiente natural – inverno;*
- Expressão Plástica – *Desenho, recorte e colagem;*
- Português – *Observação e descrição de objetos/imagens;*
- Matemática – *Meios auxiliares de cálculo – a multiplicação.*

Como prática recorrente, à segunda-feira, os alunos muito entusiastas descreveram as vivências de fim de semana.

A aula teve início com o Estudo do Meio. Assim, explanei, no quadro interativo, algumas adivinhas (Figura 1, Figura 2, Figura 3 e Figura 4).

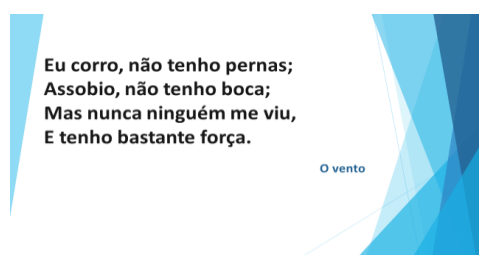


Figura 1. Adivinha “O vento”

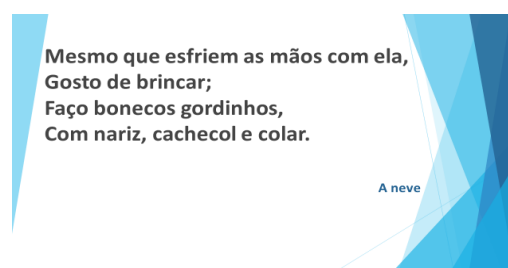


Figura 2. Adivinha “A neve”

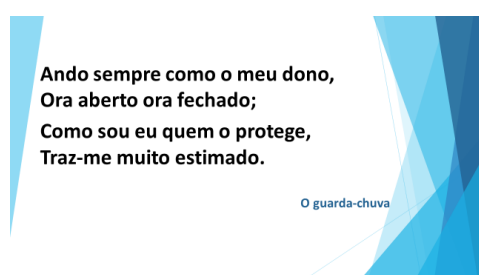


Figura 3. Adivinha “O guarda-chuva”

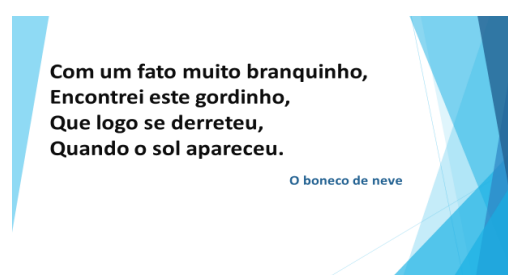


Figura 4. Adivinha “O boneco de neve”

Solicitei a participação dos alunos através da análise e da descrição que os versos nos davam, de forma a tentarem chegar às respostas das adivinhas e à estação do ano correspondente. Assim, promoveu-se um diálogo;

(...)

Professora estagiária: “E o que é que as adivinhas têm em comum?”

“Marta”: “Todas têm a ver com o tempo frio.”

Professora estagiária: “E o tempo frio faz-nos lembrar alguma estação do ano?”

“Ana”: “O inverno, professora.”

Professora estagiária: “Muito bem! E quais são as outras estações do ano?”

“Ana”: “A primavera, o verão e o outono.”

Professora estagiária. “ Correto, “Ana”! Comemora-se uma época festiva muito importante no inverno, sabem qual é?”

“Rui”: “O Natal! E eu gosto muito do Natal, porque estou com os meus primos de Espanha, recebo brinquedos e brincamos muito.”

Professora estagiária: “Então o Natal só é importante para brincar e receber presentes?”

“Ana”: “Não, professora! É importante para estarmos com a família, dar e receber. Porque também é importante ajudar quem precisa, como fizemos antes do Natal, quando trouxemos brinquedos que já não precisávamos para os meninos mais pobrezinhos, que não têm pais.”

“Eva”: “Pois foi, deixamos os brinquedos no contentor dos brinquedos (*Brinquedão*).”

Professora estagiária: (Sorri, orgulhosa, porque antes do Natal tínhamos feito uma “campanha solidária”, sensibilizando os alunos para a importância da solidariedade e da partilha, através de uma carta (Anexo I), “redigida pelo Pai Natal” aos alunos; nesse sentido, os alunos doavam brinquedos para ajudar crianças institucionalizadas, brinquedos que eram colocados numa grande caixa, apelidada de *Brinquedão*) “Muito bem, muito bem!”

Prossigui, abordando os aspetos físicos e os fatores locais adjacentes à referente época do ano. Seguidamente expus um acróstico sobre o tema (Anexo II). Antes de proceder à explicação deixei, uma vez mais, os alunos conjeturarem.

“Ah...a palavra *inverno* está escrita de cima para baixo!” (“Abel”); “É um texto começado pela palavra *inverno*.” (“Marta”); “Professora, também posso fazer um texto assim, mas com o meu nome!?” (“Ana”)

Respondi à Ana, explicando que um acróstico é precisamente um pequeno texto cujas letras lidas na vertical (seja no início, meio ou fim) formam palavras ou frases, podendo ser sobre qualquer tema. Assim, desafiei as crianças a realizarem um acróstico sobre a palavra *inverno*, inicialmente, redigi-lo-iam no caderno, no sentido de não oprimir a criatividade dos alunos, podendo apagar sempre que necessário. Aquando do seu término, solicitei a leitura do mesmo por parte de cada aluno, incitei à correção de alguns

erros ortográficos e distribui cartões para copiarem o acróstico que seria colado numa cartolina para deixar em exposição (Figura 5).



Figura 5. Produto final dos alunos - Acrósticos sobre o *Inverno*

Distribui fichas de trabalho, para realizarem em casa, a cinco dos alunos (Anexo III) e a três alunos (Anexo IV), que seria corrigidas na aula seguinte.

No domínio das expressões, entreguei a cada aluno uma imagem com um boneco de neve, teriam de recortar, pintar e redigirem palavras relacionadas com o *inverno*, para afixarem na *parede de trabalhos* (Figura 6).



Figura 6. Bonecos de Neve - redigidos, pintados e recortados pelos alunos

Na área do saber de português e no âmbito da interdisciplinaridade, observamos os bonecos de neve e solicitei às crianças que os descrevessem. Neste sentido, fui explicando aos alunos a importância de descrever e analisar corretamente as características de objetos, pessoas, alimentos, imagens, cenários (...). Assim, fui descrevendo características de objetos, de contacto diário (livro, mesa, bola, ...), e cada aluno tinha que adivinhar o que era; inverti a sequência e passei a proferir o nome de

objetos/imagens com a intenção destes descreverem as suas características. Promovendo um fio condutor da aula, projetei algumas adivinhas (Anexo V).

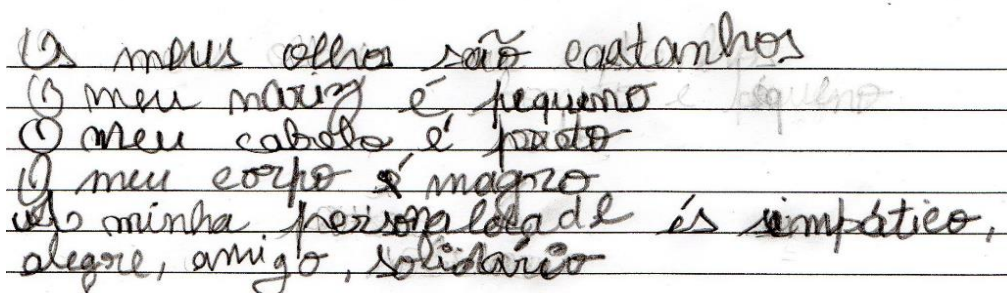
Porque importa saber identificar as características físicas e psíquicas, distribuí o texto “ O Árbitro de Futebol” (Anexo VI) e um “testemunho” (Anexo VII) correspondendo a uma cor do texto; pretendia-se que após uma primeira leitura feita por mim, cada aluno lesse o excerto correspondente à sua cor. Após a leitura em grande grupo, analisamos e interpretamos a personagem do texto “O Árbitro”, evidenciando as características físicas e psíquicas.

Procedi à distribuição de fichas de atividades, estas, adaptadas aos ritmos de trabalho dos alunos (uma mais diminuta para cinco alunos) (Anexo VIII) e outra para três (Anexo IX). Na realização do texto expliquei que importava seguir a orientação dos tópicos estabelecidos mas que a descrição física e psíquica deveria ser a mais completa possível. Após concluídas, as fichas foram trocadas pelos alunos e cada um teria que ler o texto do colega, fazendo com que os restantes (à exceção do próprio aluno) identificassem, através das características descritas, a personagem do texto. Era evidente a dissemelhança textual dos alunos (Figura 7 e Figura 8).

2- Elabora um pequeno texto fazendo uma descrição de ti próprio/a.

Procura responder aos seguintes tópicos:

- ❖ Como são os teus olhos;
- ❖ Como é o teu nariz;
- ❖ Como é o teu cabelo;
- ❖ Como é o teu corpo;
- ❖ Como é a tua personalidade (és simpático/a, alegre, triste, amigo/a, solidário/a, ...).



Os meus olhos são castanhos
O meu nariz é pequeno
O meu cabelo é preto
O meu corpo é magro
A minha personalidade é simpática,
alegre, amigo, solidário

Figura 7. Elaboração textual (Aluno A)

2- Elabora um pequeno texto fazendo uma descrição de ti próprio/a.

Procura responder aos seguintes tópicos:

- ❖ Como são os teus olhos;
- ❖ Como é o teu nariz;
- ❖ Como é o teu cabelo;
- ❖ Como é o teu corpo;
- ❖ Como é a tua personalidade (és simpático/a, alegre, triste, amigo/a, solidário/a, ...).

Os meus olhos são castanhos brilhantes e uso uma óculos cor-de-rosa. O meu nariz é pequeno e o meu cabelo é castanho-claro cortado ao nível das tranças, rolos de cabelo ou só quenechinhos. O meu corpo é pequeno e magro e eu gosto de usar roupa cor-de-rosa. Sou simpática, alegre, brincalhona, amiga dos meus amigos, solidária, gosto de ir à escola e com os jogos.

Figura 8. Elaboração textual (Aluno B)

No âmbito da matemática, parti de alguns objetos, anteriormente descritos (ex: livros, mesa, bola, ...) e exibi um PowerPoint (anexo X) onde explicava os conteúdos matemáticos, a título de exemplo: “há 2 grupos de 3 livros ($3+3=6$) OU 2 vezes 3 livros ($2 \times 3=6$)”. Assim, pressupondo os descritores de desempenho da Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo (2004) fomos, “explorando situações que conduzissem à descoberta da multiplicação a partir de adição de parcelas iguais.” (p.174). Os alunos conjecturavam exercícios práticos com objetos do meio envolvente (Figura 9).

Há 2 ábacos com 10 bolinhas ($10+10=20$)
Ou 2 vezes 10 bolinhas ($2 \times 10=20$)

Figura 9. Conceção de um aluno

Por fim, procedi à entrega de uma ficha de atividades (Anexo XI) a cinco alunos e outra (Anexo XII) a três. Esta, não chegou a ser concluída pela maioria dos alunos, ficando para trabalho de casa, procedendo à sua correção na aula seguinte.

1.1. Reflexão e considerações

Como já era um hábito semanal, à segunda-feira, os alunos, com entusiasmo, narravam a sua história de fim de semana. Optei por dar continuidade ao mesmo método pedagógico, uma vez que julgo ser motivador e interessante deixar que a criança partilhe experiências pessoais, gostos, interesses, rotinas..., porque conhecemo-la melhor e a liberdade de expressão que lhe é concedida fomenta a destreza comunicativa do aluno. E neste sentido, creio que o entusiasmo e a motivação dos alunos são essenciais para promover uma aula aliciante. Tal como assegura Ciari (1979), “Seja qual for o estímulo no ponto de partida, é claro que se deve desenvolver nos alunos um interesse real: uma motivação que seja, antes de mais nada, a sua motivação.” (p. 42).

Na área do Estudo do Meio através da projeção de algumas adivinhas (figura 1, figura 2, figura 3 e figura 4), sobre o inverno, pretendi estimular o raciocínio, a lógica, e a associação de palavras. O diálogo foi importante para perceber as conceções dos alunos em relação à estação do ano - Inverno e seus envolventes e por consequência fazer uma revisão à época natalícia já que esta época se insere nesta estação do ano. A realização dos acrósticos pareceu-me interessante não só por trabalhar outra área do saber, a escrita, na área do português, mas porque promove a criatividade, a imaginação e a motivação nos alunos. O resultado final refletiu o quão as crianças podem ser criativas e surpreendentes.

Trabalhar os bonecos de neve na área das expressões permitiu estabelecer um fio condutor entre a área do estudo do meio e a expressão plástica, evitando quebras entre as diferentes áreas do saber. Julgo que essa sequência permitiu ao aluno mais concentração e motivação na realização da tarefa.

A exposição das tarefas (figura 5 e figura 6) na *parede de trabalhos*, na minha opinião, estimula o aluno a desenvolver um trabalho mais cuidado. Já que a exposição do trabalho é visível a todos e alvo de consulta quando necessário. Assim, acredito que a criança labore com mais rigor e motivação.

No âmbito do português, relacionei os objetos/imagens do meio circundante (livros, mesas, bolas, flores, (...)) com o propósito de permitir um contacto mais intimista entre o objeto e o aluno e introduzir a área da matemática através de imagens destes objetos, promovendo assim a interdisciplinaridade.

Ao longo da aula utilizo como recurso a exposição de imagens, porque as suas características e objetividade estimulam a atenção e o raciocínio das crianças. Salientando

Calado (1994), “ (...) as imagens, pelo valor de concretização que possuem podem, então, revelar-se muito úteis para promover o raciocínio infantil, (...) apto a exercitar-se, sobre os dados da percepção e da experiência.” (p. 77).

Importa que a teoria seja aliada à prática usual, tentei utilizar exemplos do quotidiano da criança, alguns que se tocaram e manusearam para que os alunos percecionassem e interagissem com situações reais, de contato diário.

Pretendi, com o uso do “testemunho” (anexo VII), na leitura do texto (anexo VI), estimular a atenção dos alunos. Atendendo a que cada aluno tinha um testemunho que correspondia à cor de determinado excerto do texto, à medida que a cor do texto mudava o aluno com o “testemunho” correspondente tinha que dar seguimento à leitura. O recurso a estas metodologias apelam à concentração e curiosidade da criança, evitando cochichos e distrações, ficando mais suscetíveis à aprendizagem.

Com a realização da ficha de trabalho tive a pretensão de consolidar conhecimentos, enaltecendo a criatividade dos alunos; deveriam produzir um texto recorrendo à descrição física e psicológica de cada um. Os tópicos a seguir eram meramente indicadores e não um condicionador à produção textual.

Pode verificar-se nas figuras 7 e 8 a conclusão de duas tarefas. O aluno A (figura 7) remeteu-se a um discurso elementar, usufruindo dos tópicos orientadores como se de perguntas se tratasse, cingindo-se a respostas básicas. O aluno B (figura 8) foi detentor de um registo mais detalhista, pautado pela enumeração de características graciosas, redigindo um texto sequenciado, com lógica, aprimorado, permitindo identificar além das características físicas e psicológicas os seus gostos e hábitos.

Redistribuir aleatoriamente as fichas de trabalho, já realizadas, pretendeu despertar a concentração, o interesse e a capacidade sensorial dos alunos. Uma vez que era necessário identificar o colega através das características descritas no texto.

Na área da matemática recorri, uma vez mais, ao uso de um PowerPoint, já que o aluno é muito mais suscetível a estes recursos tecnológicos. Uma vez mais, os alunos fizeram conjecturas através de objetos do meio envolvente, de material exposto na sala de aula, esta manipulação e interação com os materiais potencia a aprendizagem, assim com ressalta Wassermann (1990), “ (...) a aprendizagem dos conceitos matemáticos é feita com muito maior sucesso através da manipulação dos materiais e da experiência prática na sala de aula.” (p. 36).

Pode verificar-se na (figura 9) uma conceção de um aluno, o que permitiu perceber que o conteúdo matemático abordado foi apreendido e compreendido, No entanto, percebi

que para alguns alunos que não concretizaram a tarefa esta explicação não teria sido assim tão clara e preocupei-me em explicar novamente, enquanto os restantes realizavam uma ficha de consolidação de conhecimentos. Foi evidente, uma vez mais, o discrepante ritmo de trabalho dos alunos.

Seguramente, a maior dificuldade foi adaptar o tempo da aula às necessidades dos alunos, recordando que existiam alunos com variados ritmos de trabalho. Tentei privilegiar a atenção individualizada a cada aluno, pela diferenciação do ritmo de aprendizagem que cada um possui, elaborando fichas de trabalho distintas, com o intuito de os estimular e motivar. Era necessário adaptar e improvisar algumas tarefas para os alunos com destrezas cognitivas mais desenvoltas já que os ritmos de trabalho eram muito desajustados e nem sempre a planificação era totalmente exequível.

Tentei promover uma aula onde privilegiasse a interdisciplinaridade visando motivar e instigar o aluno na recetividade dos conhecimentos. Assim, comungando com Balancho (1996), “ (...) se várias disciplinas componentes do currículo encontrarem um tronco comum que vá ao encontro dos interesses dos alunos, pela associação de atividades, até agora compartimentadas (o saber em pedaços repartidos), poderá aumentar-se o seu empenho.” (p.28). Neste sentido, tentei criar um fio condutor, ao longo da aula, evitando quebras entre as diferentes áreas do saber.

2.Apresentação e descrição da aula de Ciências da Natureza

Ao longo desta aula, foi desenvolvido um trabalho cooperativo, com os seguintes conteúdos programáticos:

- *Qualidade do ar; Líquenes indicadores da qualidade do ar;*
- *Poluição do ar; Preservação da qualidade do ar;*
- *Conservação dos solos; Técnicas de produtividade dos solos;*
- *Importância do solo; Degradação do solo.*

Cumprimentei a turma, como habitual, e um aluno prosseguiu com o registo do sumário da aula, sendo esta prática recorrente.

Dei continuidade à aula apresentando, sucintamente, a tarefa que se iria realizar.

Informei-os que iriam trabalhar em grupo, abordando os temas dos trabalhos.

Imediatamente os comentários começam a surgir:

“Daniel”: “Vamos fazer um trabalho de grupo, professora!? É tão fixe!”

“Bruna”: “Nós fizemos um trabalho de grupo a história e ficou muito giro, foi afixado na escola e tudo.”

Professora estagiária: “Para o bom funcionamento de um trabalho em grupo é necessário o quê?”

“Anita”: “Que todos se deem bem.”

“Paulo”: “Todos têm que trabalhar.”

“Alice”: “Temos que partilhar e respeitar as opiniões.”

“Angelina”: “Temos que ser organizados, senão ninguém consegue trabalhar.”

“Mara”: “ Eu sou organizada, mas o Rodrigo não, então não podemos ficar juntos.”

“Rafael”: (Prontamente) “Eu também não quero ficar contigo!”

Professora estagiária: “Precisamente o contrário, Marta, daí a importância da heterogeneidade dos grupos, cooperar e respeitar o colega independentemente das suas diferenças.”

“Rafael”: “O que é a hetero...(não sei o quê), professora?”

Professora estagiária: “Heterogeneidade! Algém sabe?”

“Paulo”: “Sim! É sermos todos diferentes.”

“Angelina”: “É uma coisa que não é igual.”

Professora estagiária: “ Muito bem! Os sinónimos da heterogeneidade são: a diferença, a diversidade, a desigualdade, a variedade, a dissemelhança, Então, criar um grupo heterogéneo, que dizer... juntar pessoas com diferentes etnias, diferentes personalidades e maneiras de pensar. Entenderam?”

Todos: “Sim!”

Considerando que seria um trabalho cooperativo, organizei grupos de forma a serem heterogéneos, imediatamente surgiram comentários de contestação ao que, prontamente, informei não haver qualquer tipo de negociação.

Seguidamente, solicitei que cada grupo elegesse um porta-voz e que este, ordeiramente, retirassem um papel de uma caixa onde constava o tema do trabalho. Creio que optar por fazer um sorteio na distribuição dos temas seria mais prudente evitando desagrados, desentendimentos e refutações desnecessários, por parte dos alunos. Prossegui, distribuindo uma cartolina A3 e alguns documentos informativos referentes a cada tema, pelas equipas de trabalho. Expliquei que os documentos que lhes facultei eram insuficientes, contendo apenas informação básica, sendo necessário recolher informação nos manuais, nos livros na biblioteca e na internet. Pareceram-me empenhados e

motivados com a responsabilidade que lhes tinha sido atribuída, o que me parece ser crucial para impulsionar o bom funcionamento do trabalho, neste contexto saliento Arends (1999), “a motivação é uma das forças importantes que orienta as ações dos alunos.” (p.122).

Após a conclusão das tarefas, refletimos sobre a importância do trabalho cooperativo, abordando as dificuldades sentidas, os benefícios deste trabalho e os aspetos mais e menos positivos. Recordo que a maioria dos alunos demonstrou agrado na tarefa realizada, reiterando que gostaram de gerir o seu próprio tempo e a sequência de trabalho com que o fizeram.

Enalteceram, também, a delegação de tarefas que fizeram entre eles, “cada um de nós ficou responsável por uma coisa e depois juntávamos tudo e discutíamos sobre isso, é giro porque temos opiniões diferentes.” (“Alice”). No entanto, houve quem não partilhasse a mesma opinião ou pelo menos parte da opinião “só é bom se podermos escolher os colegas, só gosto de trabalhar com os meus amigos.” (“Rafael”), recordei uma vez mais, a importância da heterogeneidade, nomeadamente, no trabalho cooperativo. No âmbito das dificuldades, remata a “Angelina”：“Acho que é uma responsabilidade muito grande porque não sabemos se está completamente certo e é um trabalho que estamos a apresentar aos outros, não pode ter erros, tem que estar bonito e bem feito!” Pareceu-me importante este sentido de responsabilidade, porque instiga o aluno a trabalhar de uma forma mais perfeccionista.

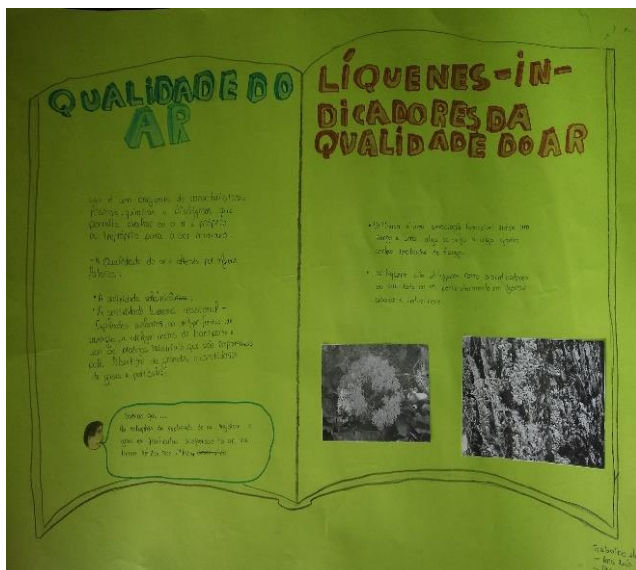


Figura 10. Trabalho final elaborado pelo 1.º grupo

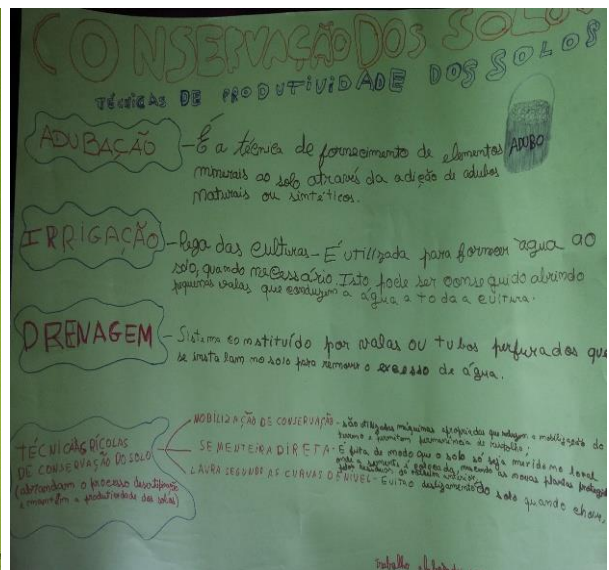


Figura 11. Trabalho final elaborado pelo 2.º grupo

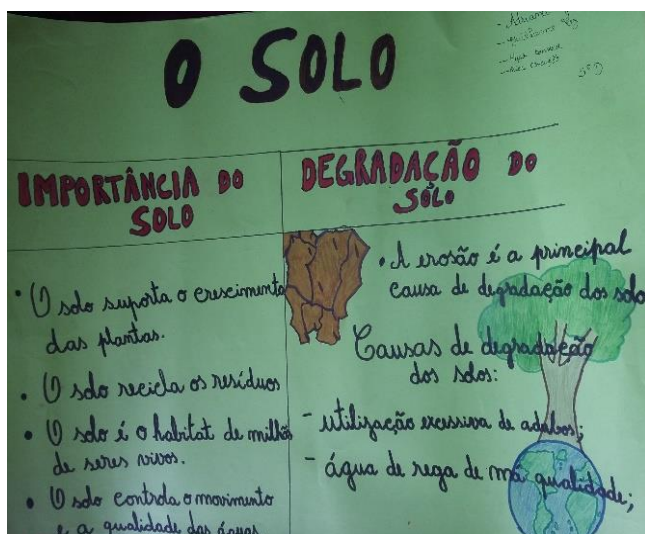


Figura 12. Trabalho final elaborado pelo 3.º grupo

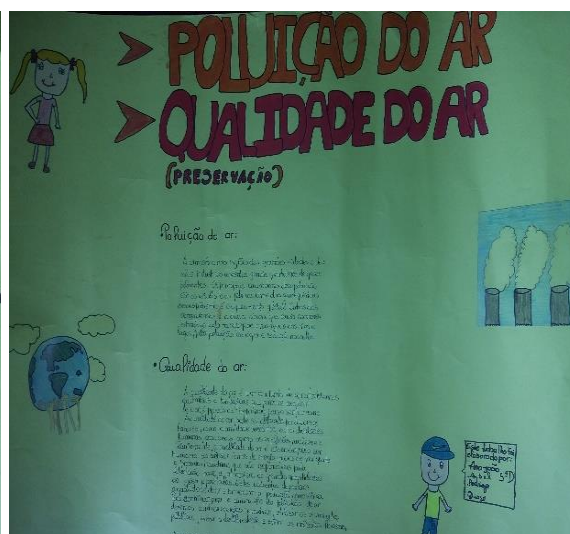


Figura 13. Trabalho final elaborado pelo 4.º grupo

Após a reflexão e o diálogo, os trabalhos foram expostos no quadro e apresentados pelos elementos de cada grupo. No final da aula, os mesmos foram afixados na escola, para orgulho dos alunos (Figura 10, Figura 11, Figura 12 e Figura 13).

2.1. Reflexão e considerações

Julgo que atribuir a tarefa de resumir é um estímulo de confiança para o aluno, promovendo a atenção dos colegas, em virtude de detetar um erro ortográfico ou um descuido de pontuação, a título de exemplo:

“Alice”: “Professora, o Rafael tem um erro, não é «etar» com letras minúsculas, mas sim «ETAR» com letras maiúsculas.”

Tal como atesta Resweber (1988), “ não há dúvida que o clima de abertura e de confiança facilita extremamente a comunicação.” (p. 84).

“É pelo diálogo e com o diálogo que neles se desenvolve o espírito de participação consciente, libertando-os do anquilosado conceito de que o professor é que manda e dirige, o grupo. É com o diálogo que os alunos desenvolverão mais capazmente as suas aptidões de auto – afirmação, inseridos numa estreita cooperação com esse grupo, a turma de que fazem parte integrante.” (Tavares, 1979, p.76).

Julgo ter sido de extrema importância o diálogo inicial, não só para libertar os alunos da tensão normal como para ficarem conscientes da importância, dos benefícios e dos requisitos que o trabalho coletivo exige.

A realização dos trabalhos de grupo foi pensada no âmbito de estimular o interesse, a cooperação, a autonomia, a socialização, (...) entre os alunos, promovendo uma aprendizagem mais significativa. Tal como reitera Estanqueiro (2012), “promover a autonomia do aluno é um objetivo essencial da educação.” (p.11).

O trabalho cooperativo assumiu uma metodologia crucial no processo de ensino e aprendizagem das ciências. Neste modelo, o tradicional papel do professor e do aluno é previamente alterado, como Pires (2001) salienta:

“Com Vygotsky, o papel do professor passa a ser, fundamentalmente, o de um orientador de aprendizagem, o que providencia um conjunto de recursos qualificados e cuidadosamente selecionados, no sentido de promover o desenvolvimento do aluno. O papel do aluno na aquisição e construção do conhecimento também é logicamente alterado, a sua aprendizagem deixa de ser individual e orientada por outros, para ser social e também orientadora e facilitadora da aprendizagem dos outros.” (p. 20).

A cooperação dos alunos permite, ainda, a criação e a partilha de novas ideias levando a uma transformação mais significativa do que se está a aprender. Este ensino promove a autonomia do aluno necessária para assumir a responsabilidade de tomar decisões no decorrer da tarefa proposta.

O ensino cooperativo, para além do desenvolvimento das competências cognitivas, promove também um desenvolvimento nas relações interpessoais, atendendo à heterogeneidade dos grupos, potenciando uma educação para a cidadania.

Assim como advogam (Andrade, 2011; Sá & Pires, 2014), é o trabalho cooperativo, em grupos heterogéneos, que promove a interação social e a aprendizagem cooperativa entre alunos com conhecimentos, interesses, motivações, histórias de vida e expectativas diferentes.

Já Johnson & Johnson (1999) defendiam que o trabalho cooperativo consistia em pequenos grupos de alunos que trabalhando para objetivos comuns teriam que se organizar por forma a potenciar a sua aprendizagem e a dos seus colegas. Assim, para que o trabalho de grupo significasse uma aprendizagem cooperativa, seria necessário verificar vários aspetos fundamentais, nomeadamente: a responsabilidade individual e coletiva, a interdependência entre os diferentes intervenientes do grupo, a interação cara a cara, a posse de competências sociais credíveis e a autoavaliação do grupo.

O trabalho cooperativo deve ser encarado com seriedade, trabalho e rigor para que no final os objetivos definidos possam ser atingidos e foi interessantíssimo perceber que, após a conclusão dos trabalhos, excetuando um aluno, mais nenhum elemento do grupo

lamentou a prestação do colega ou menosprezou o trabalho por ele realizado. Estes pareceram-me unidos e empenhados, procurando ilustrar o trabalho com desenhos, recortes e imagens alusivas ao tema. O 2.º grupo (figura 11) pareceu-me menos entusiasta na exibição do seu trabalho, enquanto as restantes equipas ostentavam orgulhosos os trabalhos findados. Notei, efetivamente, que era o trabalho menos estético, questionei-os e percebi que tudo se devia ao facto de o tema não permitir uma fácil ilustração e, nestas idades, é fundamental a ilustração, a apresentação, a exposição perante os outros. Não obstante, o conteúdo informativo destes estava igualmente bom.

Devo ainda referir, na minha opinião, um aspeto menos positivo, a distribuição das mesas da sala de aula, sendo estas em filas horizontais, impossibilitando uma deslocação mais rápida e eficaz para permitir um acompanhamento aos alunos, fazendo face às dúvidas que lhes suscitavam.

3. Apresentação e descrição da aula de História e Geografia de Portugal

A aula teve início com um diálogo, relativo à revisão sobre: *A distribuição das terras e os grupos sociais*, permitindo reavivar os conceitos já abordados e estabelecer um fio condutor para a introdução dos conteúdos sumariados. Sendo estes:

- *As características naturais do reino;*
- *O aproveitamento dos recursos da terra;*
- *O aproveitamento dos recursos dos mares e dos rios;*
- *Produções artesanais;*
- *As trocas comerciais.*

Um aluno procedeu ao registo do sumário, no quadro, como anteriormente já referi, julgo ser uma tarefa motivadora para início de aula.

Iniciei um diálogo com os alunos, pretendendo consolidar conhecimentos da aula anterior possibilitando, assim, um melhor enquadramento para sequenciar a aula.

Professora estagiária: “Como falamos na última aula, como é que o Rei distribuiu as terras conquistadas?”

“Maria”: “Um foram para o Rei, outras foram dadas à nobreza e ao clero como forma de pagamento pela ajuda na guerra e para que as povoassem defendessem e cultivassem.”

Professora estagiária: “Muito bem, “Maria”! E era o clero e a nobreza que cultivava essas terras?”

“Maria”: “Não! Era o povo, em troca de proteção.”

Professora estagiária: “Muito bem! Eu gostava que os outros meninos também participassem.

E o que é que todos os grupos sociais deviam ao Rei?”

“Duarte”: “Fidelidade, obediência e auxílio.”

Professora estagiária: “Correto, “Duarte”. Ainda se lembram do *Jogo da desordem* que fizemos na última aula?

Todos: “Sim!”

Professora estagiária: Era sobre...?

“Maria”: “Era sobre os privilégios e as obrigações do povo, da nobreza e clero.”

Professora estagiária: “Podem citar alguns!? E sem serem sempre os mesmos meninos a intervir, se faz favor.”

“Catarina”: “O povo pagava muitos impostos, trabalhava nas terras do Rei, do clero e da nobreza.”

“Duarte”: “A nobreza e o clero não pagavam impostos ao Rei, recebiam impostos do povo e possuíam muitas terras.”

Professora estagiária: “Muito bem, e o que é que podemos concluir com isso?”

“Duarte”: “Que o povo tinha muitas obrigações e o clero e a nobreza muitos privilégios.”

Professora-estagiária: “Muito bem, meninos! Só é pena serem sempre os mesmos a participar.”

Após o diálogo, prossegui com um PowerPoint (Anexo XIII), onde abordava as características naturais do reino: relevo, rios, clima e vegetação. Estes fatores são abordados ao longo dos diapositivos, do PowerPoint, com mapas no sentido de melhorar e facilitar a explicação dos conteúdos.

Seguidamente, exibi o mapa de Portugal, em cartolina (Figura 14), enquanto retirava uma caixa com pequenos cartões alusivos às características do reino (Figura 15). Esses cartões mencionavam um aspeto alusivo aos temas supra mencionados, a título de exemplo: *Relevo – Terras baixas e planas; Vegetação – Predominam as árvores de folha caduca*. Pretendia-se que grupos de dois alunos retirassem um cartão e identificassem no mapa a região onde aquela característica se enquadrava, colocando-o no respetivo lugar.



Figura 14. Mapa de Portugal

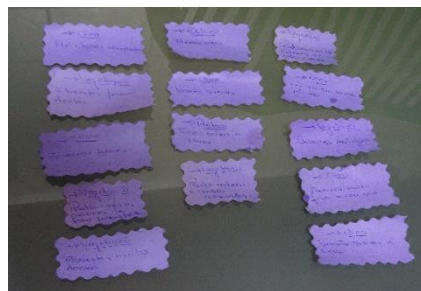


Figura 15. Cartões com características do relevo, rio, clima e vegetação

Após sucinta explicação, deram início à tarefa e o produto final pode visualizar-se na Figura 16.



Figura 16. Mapa de Portugal - características naturais identificadas pelos alunos

Dei continuidade à aula, apresentando um esquema-síntese (Anexo XIII) sobre os tipos de terreno e sua utilização. Pedi a um aluno para proceder à leitura do texto “*A pesca e a Salicultura*”, advertindo que ao longo do texto ia mencionar nomes e esses teriam que dar continuidade à leitura.

Prossigui explicando através do PowerPoint (Anexo XIII):

- *Os produtos artesanais* resultantes da produção da população e as matérias- primas utilizadas;
- *As trocas comerciais* e seus intervenientes;
- *Comércio interno e comércio externo*;

- *Exportações e importações* (definições e os produtos comercializados naquela época).

Para finalizar, distribuí uma ficha de atividades (Anexo XIV) pelos alunos, com os conteúdos abordados ao longo da aula, com o propósito de consolidar conhecimentos. A mesma não foi terminada, ao que solicitei que concluíssem em casa e corrigir-se-ia na próxima aula.

3.1. Reflexão e considerações

O diálogo inicial foi promovido não só para consolidar conhecimentos, mas para estabelecer um elo de ligação entre os conteúdos programáticos. Constatei, uma vez mais que eram sempre os mesmos alunos a participar e a interagir na sala de aula, o que, no universo de 21 alunos, foi manifestamente insuficientemente. Dos alunos que participaram no diálogo, ficou claro que três deles assimilaram os conteúdos com clareza.

Quanto à experiência de ensino aprendizagem foi no âmbito de consolidar conteúdos e fomentar interesse nos alunos. Uma vez que, a exibição e a interação com os materiais incitam a uma maior motivação, promovendo maior rentabilidade ao educando. Balancho (1996) reitera que “a motivação suscita ou incita uma conduta (...) [e faz com que] o aluno encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar e para descobrir e rentabilizar capacidades.” (p.17).

Esta experiência foi executada corretamente pela maioria dos alunos, apenas dois a erraram e comungando com Perrenoud (2000), “Errando, reflete-se mais sobre o problema e sobre as ações usadas para resolvê-lo.” (p.32). Assim, tentei perceber o que levou os alunos a serem induzidos em erro e expliquei, novamente, o subtema em causa.

Zeichner (1993), citando Dewey, defende a reflexão como prática corrente, sendo que o professor deverá ter “abertura de espírito” para refletir, assumindo a existência de erros. (p.18). Neste sentido, reconheço que numa próxima aula levaria o número de cartões correspondentes ao número de alunos, para realizar a tarefa. Defendo a importância de trabalhar em grupo mas atendendo à elevada heterogeneidade da turma teria sido melhor realizarem a atividade individualmente. Só me deparei com esta questão já na sala de aula e organizei grupos de dois elementos para a realização da tarefa. Admito e reconheço a importância de planificar, nela refletimos, referenciamos quais os conteúdos a lecionar, como fazê-lo e o tempo que devemos ministrar cada um deles, tal como assegura Arends (1999), “(...) a planificação é tomada de decisão sobre a instrução,

incluem-se nos aspetos mais importantes do ensino, porque determinam, em grande parte, o conteúdo e a forma do que é ensinado nas escolas.” (p. 6). Porém, surgem momentos que exigem um improviso e julgo ser importante o docente não se sucumbir somente à planificação, tendo a capacidade prática de colmatar o problema sem demonstrar fragilidades.

Na sequência da aula, procedeu-se à leitura de um texto que, infelizmente, por extraviado não foi possível colocá-lo nos anexos. Optei por realizar uma “leitura alternada”, no intuito de estimular a atenção de todos os alunos, como a duração dos excertos é imprevisível e os alunos são chamados de forma aleatória julgo, igualmente, como a Fundação de Lemann, ser a melhor técnica. Prossegui com os conteúdos programáticos, recorrendo ao PowerPoint. Na minha opinião, a diversidade de recursos educativos promove a atenção e o interesse dos alunos, potenciando a receptividade e propensão ao processo de ensino aprendizagem, assim como defende Calado (1994).

Outro aspeto que me parece pertinente salientar remete para a carga horária desta unidade curricular (90 minutos semanais), uma vez que recorro à importância destas duas componentes, a história que nos exprime “quem fomos”, “como crescemos”, “as vitórias”, “as derrotas”, Afinal quem seríamos nós sem a história?! Parafraseando Cícero, que nos recorda que, não saber o que aconteceu antes do nosso nascimento seria permanecer criança para sempre.

Quanto à geografia esta reside na importância do conhecimento sobre o espaço humano e as suas formas de transformação e ocupação.

4. Apresentação e descrição da aula de Matemática

Nesta aula, foi realizado o *Jogo do Loto*, com questões de revisão. Através desta atividade lúdica, pretendi promover o interesse dos alunos, atendendo a que a palavra “jogo” suscita interesse, na população estudantil.

Conteúdos matemáticos:

- *Fração e numeral misto;*
- *Números racionais;*
- *Frações equivalentes;*
- *Comparação e ordenação;*
- *Adição e subtração;*
- *Porcentagem.*

Dei início à aula através do registo do sumário, no quadro. E prossegui com a correção da ficha de trabalho, da aula anterior (anexo XV). Os alunos eram solicitados ao quadro para resolver as atividades. Após o término, expliquei a tarefa que surgiria: *O Jogo do Loto*. Imediatamente, percebi o entusiasmo dos alunos, a palavra “jogo”, só por si, é empolgante! Então, expliquei:

Professora estagiária: “Vamos fazer uma revisão da matéria que temos vindo a trabalhar desde a ficha de avaliação até agora...” (imediatamente, fui interrompida)

“Rui”: “Mas não íamos fazer um jogo!?” (contesta muito indignado)

Professora estagiária: “Sim! Vamos formar grupos e cada grupo terá um cartão com números, eu vou, aleatoriamente, retirar números, de um saco, e quem tiver o número correspondente no cartão fica sujeito a uma pergunta. Ora aí está, essa pergunta será sobre os conteúdos que temos estudado até agora. (Percebendo que já se estava a gerar burburinho, continuei...) Sempre que assim seja, um elemento do grupo levanta-se e vem retirar um cartão do baralho, em concordância com os restantes elementos do grupo respondem, se a resposta estiver correta marcam o número se estiver errada o cartão e o número são, novamente, introduzidos no baralho. Ganha o grupo que obtiver os números todos.

“Paulo”: “E o que é que ganha?” (pergunta, prontamente)

Professora estagiária: “Sabedoria! (sorri) Importa que os grupos sejam organizados, dialoguem entre si, partilhem os conhecimentos e só quando tiverem a certeza da resposta é que deve ser dada. O grupo que vencedor recebe, cada elemento, um chupa. Dúvidas?”

“Maria”: “Professora, as perguntas têm exercícios?”

Professora estagiária: “Sim, algumas.”

“Maria”: “Então podemos usar o caderno para rascunho?”

Professora estagiária: “Boa pergunta, “Maria”, sim, podem!”

Percebi que estavam esclarecidos e avancei para a formação dos grupos. Apesar de algumas contestações, organizei seis grupos de quatro elementos. Distribui um cartão (Figura 17) a cada grupo, baralhei os cartões das perguntas (Figura 18) e dispu-los na mesa, virados para baixo, coloquei o saco com as rolhas/números (Figura 19), em cima da mesa, e retirando um número, aleatoriamente, dei início à atividade.



Figura 17. Cartões - O Jogo do Loto

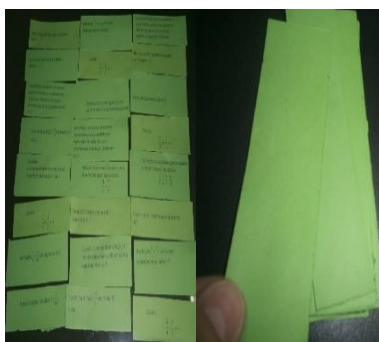


Figura 18. Cartões com perguntas – O Jogo do Loto



Figura 19. Os “números”

Ao grupo vencedor (Figura 20) foram distribuídos chupas (Figura 21), aos restantes rebuçados (Figura 22).

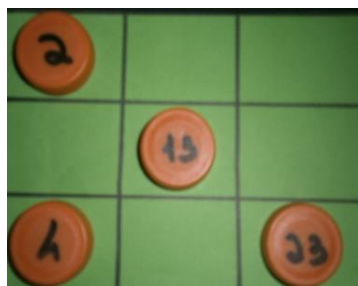


Figura 20. Conclusão do grupo vencedor



Figura 21. Chupas – recompensa do grupo vencedor



Figura 22. Rebuçados-oferta aos restantes grupos

No final do jogo aproveitamos para refletir:

Professora estagiária: “O que é que acharam desta aula, um de cada vez e dedo no ar, se faz favor?” (Era necessário apelar à individualização, no diálogo, já que a turma era numerosa e os seus intervenientes muito barulhentos)

“Manuel”: “Foi fixe, deviam ser todas assim!”

“Carlota”: “Professora, este jogo pode ser feito em todas as disciplinas, só mudam os cartões, com as matérias diferentes!?”

Professora estagiária: “Claro que sim, “Carlota”.”

“Leonor”: “É uma forma muito interessante de aprender.”

(...)

Até que surge um comentário bastante interessante:

“Bárbara”: “Professora, o jogo também se podia chamar: *Jogo do 24*. Nós eramos 24, os cartões tinham 24 números e as perguntas eram 24.”

Professora estagiária: (Sorri) “Excelente constatação, “Bárbara”! Mais alguma..?”

Alguns alunos afirmavam que o *Jogo do 24* já existia e percebi que já se estavam a distanciar do essencial, como já era a hora do toque, propus-lhes refletirem, em casa, com calma, sobre o jogo em particular e o dia em geral, o que fizeram..., porque fizeram..., o que aprenderam..., o que correu bem ou menos bem, o que mudariam se pudessem (porquê?). Entretanto, fui abalroada pelo toque da campainha e a atenção dos alunos foi redirecionada para as mochilas e a porta de saída.

4.1. Reflexão e considerações

Era a antepenúltima aula antes das férias de verão, o calor já se fazia sentir, no rosto dos alunos a ansiedade pelas férias era evidente, a motivação era pouca, a predisposição às aulas era mínima... Fazia todo o sentido adotar uma metodologia que revigorasse o interesse dos alunos, que suscitasse a sua curiosidade. Como já foi referido, anteriormente, fugir à rotina da aula é fundamental para promover a atenção das crianças. Neste sentido, surgiu o *Jogo do Loto*, como veículo de consolidação de conhecimentos, motivação e diversão. E é inegável que o jogo incita as crianças a aprender de uma forma muito mais prazerosa. Tal como sustenta Silva (2004),

“ensinar por meio de jogos é um caminho para desenvolver aulas mais interessantes, descontraídas e dinâmicas, podendo competir em igualdade de condições com os inúmeros recursos a que o aluno tem acesso fora da escola, despertando ou estimulando sua vontade de frequentar com assiduidade a sala de aula e incentivando seu envolvimento no processo ensino e aprendizagem, já que aprende e se diverte, simultaneamente.” (p.24).

No entanto, não é só a destreza pessoal que este tipo de metodologia promove, ela estimula o desenvolvimento coletivo, a relação com os colegas, a partilha de conhecimentos, a entreaajuda, é essencial não só ao nível da sala de aula mas também na formação para a cidadania. E é neste ambiente cooperativo que o aluno desprovido de receios e instigado pelo ambiente de grupo vai arriscar...fazendo bem ou mal, mas importa que faça e refaça sem apreensões. Porque, “ A criança fará amanhã sozinha aquilo que hoje é capaz de fazer em cooperação” (Vygotsky, 1934, p.104). Aquando da explicação da atividade, apelei à organização do grupo, à importância do diálogo entre todos os elementos, em virtude de sentirem que a sua colaboração é proveitosa, assim, como na perspetiva de Freitas e Freitas (2003), em que, as equipas têm de ser organizadas no sentido em que todos os seus elementos sintam que a sua prestação é útil, para eles e para o grupo.

A observação da aluna, (Bárbara), foi, para mim, de extrema importância, demonstrando que refletiu, analisou, relacionou e isso devíamos-lo fazer constantemente sobre todas as nossas práticas. Recordando Sócrates (2016), “ A sabedoria começa na reflexão.” Foi nesta linha de pensamento, comungando com Sócrates, que sugeri aos alunos que refletissem sobre as suas práticas, instigando a que sejam indivíduos mais críticos e ponderados. Julgo que o papel do professor incide, também, na formação de cidadãos coerentes, na preparação de bons profissionais, responsáveis, com sentido crítico.

Outro aspeto que merece algum destaque era a disposição da sala de aula, nomeadamente, as mesas em fila, numa das extremidades encostadas à parede. Reconheço que a turma era extensa (24 alunos) e o espaço disponível não permitia grandes alterações. No entanto, as mesas em fila impossibilitavam uma deslocação mais rápida e eficaz aos alunos, por forma a prestar um acompanhamento mais célere ao trabalho que iam desenvolvendo e às dúvidas que lhes suscitavam. Parece-me contraproducente este esquema de sala (Figura 23), porque despromove a agilidade do professor, promovendo o diálogo e o relaxe nos alunos mais desinteressados. Por forma a minimizar estas situações, os alunos menos trabalhadores eram solicitados a sentarem-se nas mesas de fácil acesso (na primeira fila, após o quadro, individualizados em mesas). Realço duas mesas mais pequenas, afastadas das restantes (Figura 23), onde permaneciam dois alunos mais perturbadores.

Reconheço que a matemática foi para mim a área que mais receio me concedeu. Estava consciente das minhas limitações, no âmbito do conhecimento científico, e era inaceitável defraudar a confiança e a responsabilidade que me tinha sido atribuída. Emergia um sentimento de apreensão... jamais podia transmitir as minhas fragilidades aos alunos, que não podiam ficar lesados com incertezas minhas. Então, para desempenhar um trabalho coeso era necessário trabalhar, estudar e aprofundar os meus conhecimentos, para poder ministrar as aulas sem descurar a importância do cargo que me tinha sido atribuído. Nesse sentido, tentei sempre planificar de uma forma bastante clara e objetiva.

Reconheço que temia a imprevisibilidade dos alunos, no entanto, foram estas dificuldades que me fizeram trabalhar com mais afinco. Saliento a importância da ajuda dos professores, no âmbito da estruturação de ideias e conhecimento científico.

Não obstante, ressalvo a importância da matemática no desenvolvimento da sociedade, a sua utilidade vai muitíssimo para além do que é perceptível, assim como testemunha Buescu (2012) “Afirmar que a Matemática é inútil seria como dizer que um carro, para

funcionar, não precisa de peças mecânicas só porque estas não se vêem. (...) o mundo moderno seria impossível sem Matemática sofisticada e muitíssimo avançada.” (p.26).

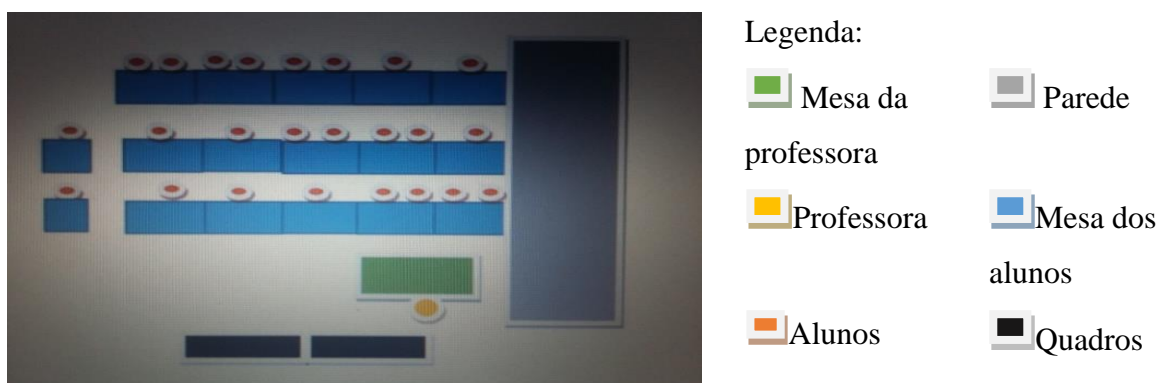


Figura 23. Esquema da sala de aula - Matemática

A figura 23, acima referida, tem como principal objetivo demonstrar a disposição dos alunos na sala de aula e a dificuldade de uma deslocação mais célere ao acompanhamento do trabalho dos alunos.

5. Apresentação e descrição da aula de Português

O conteúdo programático trabalhado na aula de português foi:

- Histórias tradicionais.

Através de uma Proposta de Escrita - “A Fábrica das Histórias”, era pretendido que os alunos escrevessem e descrevessem pessoas, objetos, paisagens, referindo características essenciais e encadeando, logicamente, os elementos selecionados. Pretendia-se, também, que reconhecessem a estrutura e os elementos construtivos da história (personagens, narrador, contextos e ação).

Como prática recorrente, um aluno procedeu à inscrição do sumário, no quadro. Imediatamente, gerou-se um borborinho porque os alunos perceberam que a aula seria diferente, provavelmente, porque o sumário não fazia referência ao conhecimento explícito da língua ou um novo tema que contemplasse os conteúdos programáticos.

Apelei à calma e exibi os cartões da proposta de escrita (Anexo XVII), questionando os alunos:

Professora estagiária: “Reparem nestes cartões, o que acham?”

“João”: “Têm diferentes cores e números.”

Professora estagiária: “Será que essas cores e números obedecem a alguma sequência lógica?”

“Ana”: “Sim! A uma história, porque as histórias começam assim: “No tempo das fadas...””

“Marta”: “O cartão azul é o início história e o cor-de-rosa é o fim da história e os números têm que ser seguidos do início ao fim.”

“Rui”: “Mas nos números “2,3,4,5,6,7” não há texto nenhuma só há imagens.”

“Ana”: “ E é o que nós vamos fazer, não é professora? Vamos criar uma história para as imagens?”

Professora estagiária: “Exatamente, “Ana”! No sumário estava escrito “proposta de escrita” e é precisamente isso que vão fazer. Vão criar uma história seguindo uma ordem estrutural, que está identificada através da numeração. O início e o fim da história já estão escritos e as imagens são pontos orientadores para poderem desenvolver a vossa imaginação e criatividade.”

Neste sentido, projetei um PowerPoint (Anexo XVIII) para explicar, claramente, a tarefa a desenvolver.

Após a visualização e explicação da “Receita para Construir Histórias” (Anexo XVIII), perguntei:

Professora estagiária: Esta sequência de história (o início, o enredo, o fim) enquadra-se em que tipo de texto?

“Ana” e “Vanessa”: “Num conto de fadas.”

“Ana”: “São todos assim...aconteça o que acontecer acaba sempre tudo bem.”

Satisfeita e com boas perspectivas, aproveitei os grupos de dois elementos que estavam sentados juntos e distribui uma proposta de escrita (Anexo XVII) em cada mesa. Referi que, apesar de ser uma “história” por mesa, cada aluno teria que inventar, perante aqueles pontos norteadores, o seu próprio conto.



Figura 24. Realizando a tarefa - “Proposta de Escrita”

Após o término da atividade, refletimos:

Professora estagiária: “Gostaram do trabalho que fizemos hoje, na aula?”

Todos: “Sim!”

Professora estagiária: “E acharam que é mais fácil criar um conto com o suporte de pontos orientadores, como os que tiveram, ou se vos tivesse pedido uma escrita totalmente livre, pedindo apenas que escrevessem uma história ao vosso critério?”

“Catarina”: “Assim é mais fácil, porque as imagens ajudam a imaginar, dão-nos ideias.”

“Rafael”: “Eu não acho!”

Professora estagiária. “Porquê, “Rafael”?”

“Rafael”: “Porque eu gosto de inventar histórias que não tenham finais felizes, nas minhas histórias ou morrem, ou ficam aleijados, ou roubam a namorada do amigo, Mesmo assim, a “velhinha” da minha história que era a que aparece para ajudar o herói matou o mau, com a “cajata”.” (Figura 25)

“Ana”: “Mas assim é muito mais bonito.”

“Rafael”: “Mas na vida real os finais não são sempre felizes.”

“Vanessa”: Eu gostei da fábrica das histórias, porque gosto de contos de fadas.

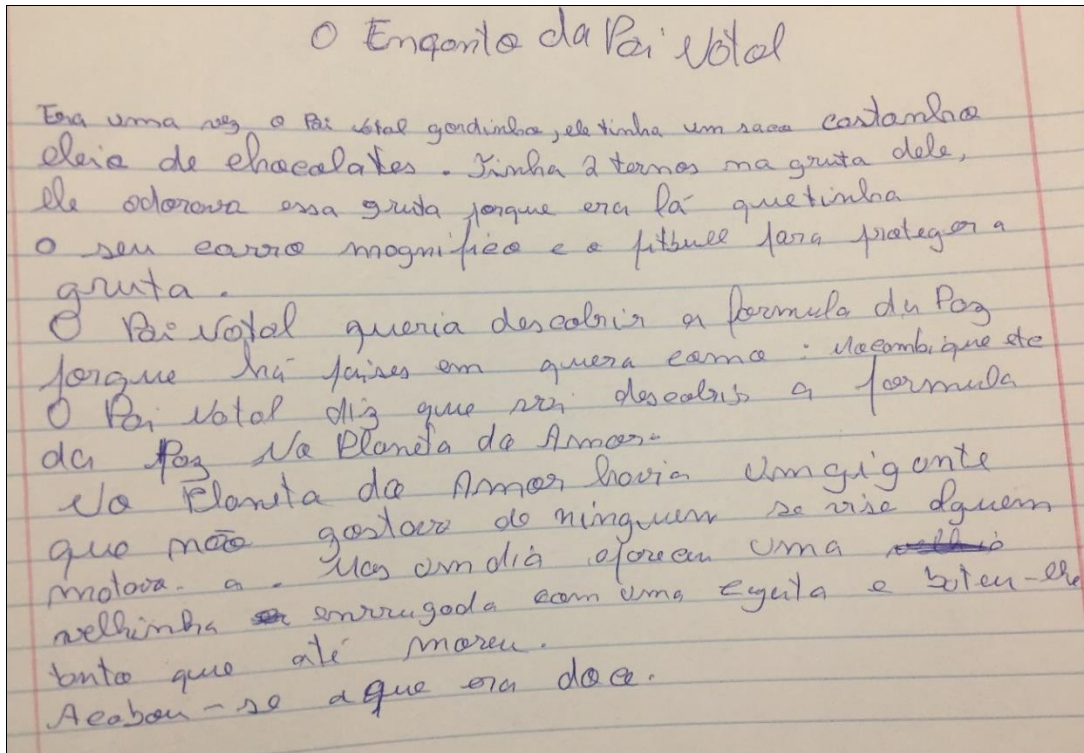


Figura 25. Proposta de escrita de um aluno

O lobo mau e o dinheiro

No tempo em que os caracóis não andavam com a cara às costas, existia um lobo mau que era rico e tinha uma ilha só pra ele e que quem quizesse passar lá fazia tinha de lhe pagar. Um dia ele viu nos noticiários que quem ~~se~~ encontra-se um novo planeta dava 100.000€ e o lobo ficou-de com os olhos a cair de dinheiro e a labor-se, foi comprar um foguetão para viajar por toda a galaxia a procura do tal planeta novo durante um mês ficou sem dormir e teve de parar em modo de des-tecer o foguetão mas no entanto o portão era um dragão esfomeado mas muito muito meigo então pôs gasolina e o dragão pediu dinheiro no que o senhor lobo não quis pagar então o dragão ficou furioso e deitou fogo pelo bico no entanto havia lá um portão bombeiro que apagou o fogo e o lobo com muita vergonha disse-lhe obrigado e o lobo continuou a procura do novo planeta. Meu dito Meu feito este conto ficou perfeito.

O lobo mau e a descoberta de um novo planeta

No tempo em que os caracóis não andavam com a cara às costas, havia um lobo mau que tinha uma cauda gigante, um focinho enorme, e dentes muito afiados vivia numa ilha junto a uma pedreira e á muito caçava caracóis.

Um dia o lobo pensou que poderia ser muito rico se encontra-se um novo planeta então por logo comprar um bilhete para ir ao espaço de foguetão e partiu de primeira viagem por um Marte onde tudo estava destruído e isolado, o lobo avistou um planeta que estava a chegar então ele perguntou-lhe o que tinha e ele disse que ^{ainda} ninguém se lembrava a tinha encontrado então ficou com os olhos a bulhar e disse-lhe que estava aqui para encontrar um planeta e começou a combinar vais-te chamar Flor bela espanta vai-te plantar de amarelo, azul e laranja e com um anel em volta branco. Ele prometeu-lhe que viria sempre visitá-la todos os dias. Ao ir ~~vaiu~~ virou uma cauda verde e ele não se pensou que era uma coisa sem importância. Até que um dragão deitou chamas e todo o planeta Terra ficou em chamas, o lobo perguntou-lhe porque se isso e ele disse com uma voz de mau "Eu é que devia ter encontrado o planeta, A casa está e a minha vingança. Hahaha!"

A Equipa de bombeiros Sam que eram bilhões de homens demoraram a apagar o fogo mas conseguiram, o lobo ficou cheio de dinheiro e pode pagar aos bombeiros e o maldito Dragão morreu.

Meu dito, Meu feito este conto ficou perfeito.

Figura 26. Tarefas concluídas, por dois alunos, com a mesma proposta de escrita

Após breve reflexão e diferentes opiniões, passamos à leitura dos contos. E foi interessante verificar que os alunos que partilharam a mesma proposta de escrita criaram enredos textuais tão diferentes e engraçados (Figura 26).

5.1. Reflexão e considerações

Como todos sabemos, a oralidade e a escrita são essenciais em todas as etapas do quotidiano e transversais a qualquer área do saber. E neste sentido ressalvo aqui, uma vez mais, a importância do diálogo, do confronto de opiniões, privilegiando o gosto de falar, ler e escrever.

O processo da escrita obedece a uma ordem lógica desde a formulação da ideia até ao seu registo, nesta perspetiva, corroboro com Delgado-Martins e Ferreira (2006) quando defendem que o ato de escrever origina quatro etapas consecutivas. A primeira é a formulação mental; a segunda a codificação linguística; a terceira é a passagem da mensagem linguística para a modalidade escrita; e a quarta é a execução motora do ato de desenhar as letras correspondentes à mensagem que quer escrever.

Poderia ter sugerido aos alunos várias propostas de escrita, desde a solicitação de uma narrativa completamente livre, à produção textual a partir de um título ou um tema, redigir um texto incluindo determinadas palavras ao longo do mesmo, entre uma variedade imensa de sugestões. Optei pela *Fábrica das Histórias* porque achei interessante toda a sua envolvência (cartões, imagens, cores,...) são apelativos e potenciam a atenção dos alunos. No meu entender, elementos que estruturam um conto de fadas, desde a situação inicial, ao herói, ao lugar onde vivem, à missão, onde se vai cumprir a missão, os antagonismos, a ajuda/objeto mágico e a resolução de conflitos são eixos norteadores e brechas de imaginação para permitirem, ao aluno, criar uma narrativa estruturada, sem a pretensão de restringir ou condicionar a escrita dos mesmos.

Alguns textos demonstraram bastante criatividade e vocabulário diversificado. No entanto, verificaram-se bastantes lacunas ao nível da ortografia e da sintaxe. Após correção, alertei os alunos para o cuidado do registo linguístico. Quando falo da importância de alertar os alunos para uma escrita mais cuidada, num discurso construtivista e motivador, é na perspetiva de evitar que se incorra o risco da relação alunos/escrita ficar marcada pelas dificuldades. Assim como assegura Barbeiro (2013),

“(...) a relação dos alunos com a escrita corre o risco de ficar marcada pelas dificuldades: pelos erros ortográficos, pelas ideias que não surgem e que quando surgem são apontadas como confusas, desorganizadas ou pouco criativas. Ora,

para desenvolver a relação há que proporcionar a descoberta das potencialidades desta forma de expressão, quer em termos comunicativos, quer em termos criativos e expressivos” (p.74).

Importa, ainda, fazer enfoque ao trabalho realizado pelo aluno com Síndrome de Asperger, foi inspirador o afinco com que realizou a tarefa, apesar do resultado ser indecifrável; a letra era ilegível e os parágrafos com declives. Atendendo à sua condição era normal redigir sem acompanhar as linhas paralelas da folha.

No fim, sendo prática recorrente, pediu para terminar em casa porque ainda não tinha concluído. Permitted que o fizesse mas, por erro meu, não fiz um registo fotográfico para poder expô-lo.

Recordo que este aluno, atendendo às suas limitações, era alvo de uma avaliação qualitativa.

É certo que a inclusão, nos alunos com Necessidades Educativas, é um tema controverso e não me cabe a mim avaliar estas situações. Porém, posso reportar a experiência vivida em sala de aula e esta inclusão não me pareceu benéfica para nenhuma das partes. Por um lado, o aluno detentor desta patologia sentia-se minorizado em relação aos restantes colegas, quer na realização de atividades, na participação da aula, na estimulação do intelecto ou num simples registo do sumário no caderno. Da minha parte tentei sempre promover a melhor integração possível, tanto na permissão de tempo extra para copiar os conteúdos, quer na disponibilidade pessoal. Não obstante, não podia descuidar nem prejudicar toda a turma em prol das necessidades educativas que este aluno exigia, apesar de muitos colegas serem compreensivos e solidários outros eram intolerantes e insensíveis e era crucial manter o equilíbrio, sem prejudicar uns em detrimento de outros. Posto isto, e atendendo à inexistente experiência profissional, foi seguramente, das maiores dificuldades que me surgiram durante o período que lecionei nesta turma.

Em jeito de conclusão, gostaria que a inclusão dos alunos com Necessidades Educativas merecesse a máxima atenção e fosse debatido e analisado, criteriosamente, por quem de direito em benefício de melhorar a qualidade de ensino e de bem-estar destes alunos.

III-Considerações finais

Ao longo desta travessia, tive momentos bons e menos bons, avanços e recuos... Mas que significado tem afinal uma conquista se não tiver momentos bons e maus!? Os bons fizeram-me crescer, os maus fizeram-me melhorar.

Na qualidade de aluna, ao longo do percurso formativo, adquiri conhecimentos essenciais para a vida profissional e pessoal, as unidades curriculares foram o alicerce que permitiu estruturar e alcançar a prática profissional, embora, na altura, achasse que algumas não teriam grande relevância na vertente profissional, hoje, reconheço-lhe toda a influência e importância.

Na qualidade de professora estagiária, foi um grande desafio, um misto de emoções, pois suscitou a perplexidade de não ser capaz de conduzir a missão a que estava proposta, receava que as minhas fragilidades pudessem lesar os alunos que trilhavam tão respeitosos caminhos, momentos tão importantes das suas vidas, recordo a ansiedade aliada ao medo...medo de defraudar as expectativas e a confiança que me tinha sido depositada. Trabalhei diariamente para colmatar essas fragilidades, e dia a pós dia o sentido de responsabilidade aumentava, percebi ao longo desta prática o quão gratificante é esta profissão; educar é, realmente, uma tarefa muito dignificante, já que quando se educa preparamos os homens do futuro, tal como assegura D. Pedro II. Não é, hoje, uma tarefa fácil já que o mundo é carente de pessoas que ensinem o “bem” e o culminar deste percurso coloca-me numa ótima posição para por em prática e transmitir, aos alunos, boas ações. É uma enorme responsabilidade e, seguramente, não será fácil, mas os caminhos sinuosos e difíceis são os que mais dignificam o ser humano.

É nesta perspetiva reflexiva que encaro todo o percurso académico. Hoje, seguramente, com uma visão diferente de há quatro anos, após o término da prática de ensino supervisionada. A maturidade, o sentido de responsabilidade e as vivências são outras e, com certeza, que se este relatório tivesse sido elaborado nessa altura as considerações finais teriam outros contornos. Destaco as dificuldades sentidas na organização de ideias, na predisposição, na gestão do tempo e na disponibilidade. Assim, recordo a velha máxima, “Não deixes para amanhã o que podes fazer hoje.”

Neste sentido, recordo a importância de refletir após cada prática na perspetiva de reconhecer erros ou lacunas, ajustes metacognitivos, ou privilegiando boas práticas. Comungando com Mesquita (2011), quando assegura que um professor reflexivo é “ um

adulto consciente dos seus atos, um trabalhador intelectual, pessoa normal e culta, capaz de refletir *na* e *após* a ação, como ser racional que é.” (p.26).

O ato de refletir ajuda não só o professor mas, também, o aluno a diagnosticar falhas ou a valorizar condutas. Recordo que todas as práticas tinham momentos de diálogo, sempre que necessário e oportuno; como prática recorrente, um diálogo inicial para articular os conteúdos sumariados com os da aula anterior ou as conceções dos alunos perante novas situações e um diálogo final por forma a concluir e a refletir sobre a aula.

No meu entender, a ação dialógica aliada à reflexão, permite alargar o vocabulário e a imaginação dos alunos privilegiando a relação entre professor/aluno. Uma relação mais humana, mais próxima, mais construtivista, sem destruturara o papel do professor na sua vertente de orientador e transmissor de conhecimentos.

Em jeito de conclusão, e de forma a exprimir a importância das crianças e a relação de afetividade professor/aluno, gostaria de evocar Antoine De Saint-Exupéry, na obra *O Príncipezinho*, quando nos demonstra a complexidade do “ser crescido” (adulto) em detrimento da simplicidade da criança e do que esta nos pode dar e ensinar, já que o segredo que nos revela a obra “ é que as coisas mais importantes são muitas vezes invisíveis para os olhos - só com o coração é que podemos vê-las!” e era importante que não nos esquecêssemos, como reitera o autor, “ (...) todas as pessoas crescidas já foram crianças. (Há é poucas que se lembrem.)”. Foi nesta perspetiva que tentei sempre trabalhar, privilegiando as crianças e as suas conceções.

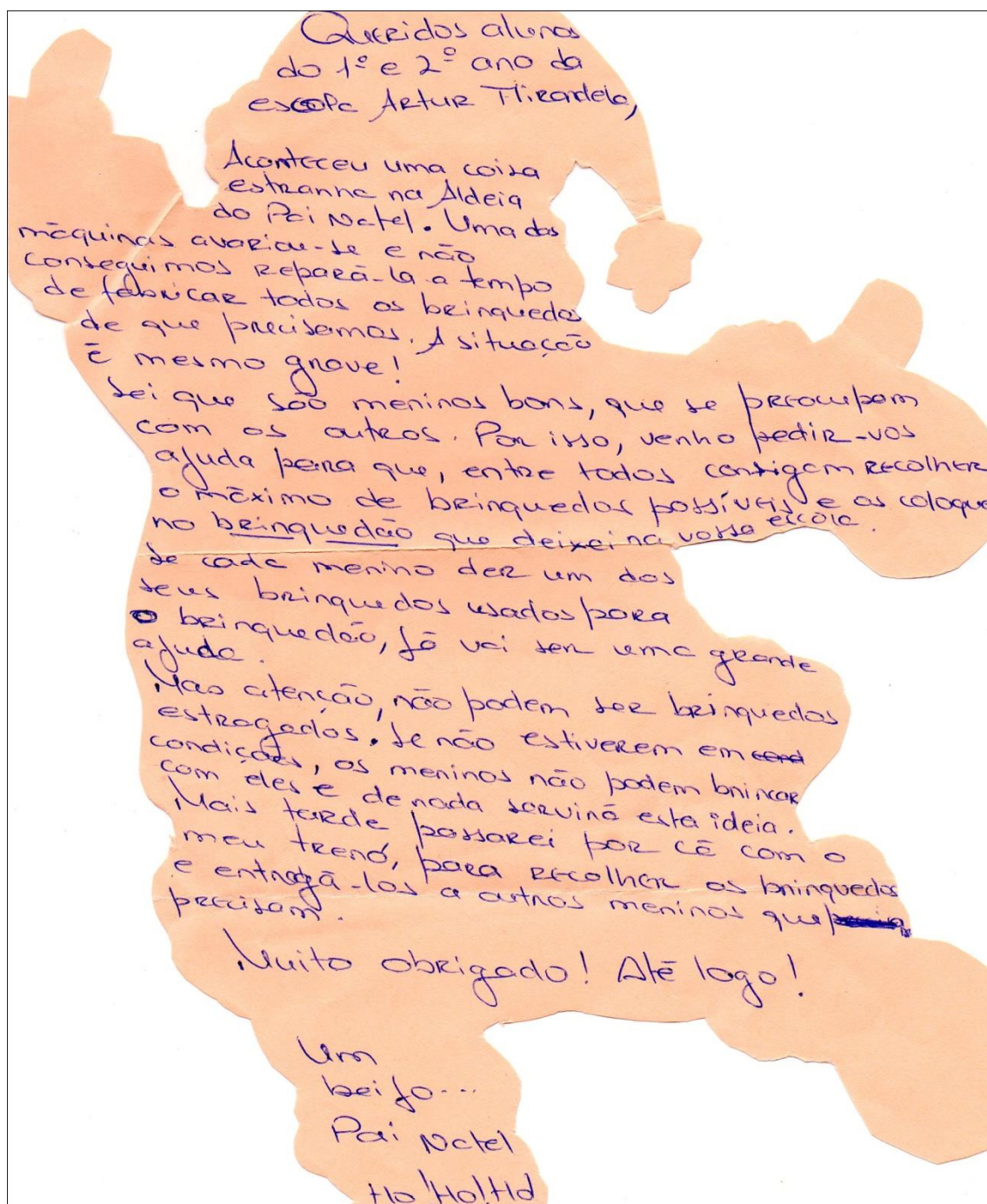
Referências bibliográficas

- Alarcão, T. (1990). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Andrade, C. (2011). *Aprendizagem Cooperativa - Estudo com alunos do 3.º CEB*. Dissertação de Mestrado em Ensino das Ciências. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança.
- APSA (2016). Disponível em <http://www.apsa.org.pt/sindrome-de-asperger/o-que-e>. Obtido de 4 de novembro de 2016.
- Arends, R. (1999). *Aprender a Ensinar*. Lisboa: Mc Graw-Hill.
- Balancho, M. J. (1996). *Motivar os alunos*. Lisboa: Texto Editora.
- Barbeiro, L. (2013). *Profundidade do processo da escrita*. Obtido de https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/237/1/n5_art9.pdf.
- Buescu, J. (2012). *Matemática em Portugal - Uma Questão de Educação*. Porto: Porto Editora.
- Calado, I. (1994). *A utilização Educativa das Imagens*. Porto: Porto Editora.
- Ciari, B. (1979). *Práticas de Ensino*. Lisboa: Editora Estampa.
- Delgado-Martins, M. R. (2006). *Português Corrente*. Alfragide: Editorial Caminho.
- Estanqueiro, A. (2012). *Boas práticas na educação - o papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Freeman, J. (1977). *Dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia de autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freitas, M. L. (2003). *Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Edições ASA.
- Johnson, D. &. (1999). *Learning together and alone. Cooperative, competitive, and individualistic learning*. Boston: Allyn and Bacon.
- Lemann, J. P. (s.d.). www.fundaçãolemann.org.br/tecnicasdidaticas. . Obtido de Obtido em 8 de junho de 2016.
- Mesquita, E. (2011). *Competências do professor*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Ministério da Educação. (2004). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1.º Ciclo*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Montessori, M. (1960). *A Criança*. Lisboa: Portugália Ed.
- Perrenoud, P. (2000). *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artmed.

- Pires, D. (2001). *Práticas Pedagógicas Inovadoras em Educação Científica. Tese de doutoramento*. Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.
- Reis, C. (2009). *Programa de Português do Ensino Básico*. Ministério da Educação: Lisboa.
- Resweber, J. (1988). *Pedagogias Novas*. Odivelas: Guide-Artes gáficas lda.
- Sá, D. D. (2014). *Aprendizagem Cooperativa - Aplicação dos métodos graffiti cooperativo e jigsaw com alunos do 5.º Ano de escolaridade*. In Atas do XII Congresso da SPCE. Universidade de Vila Real.
- Saint-Exupéry, A. (1946). *O Príncipezinho*. Bracarena: Editorial Presença.
- Serra, S. (2007). *Gui e o Natal Verde no Planeta Azul*. Lisboa: Espiral Inversa.
- Silva, M. (2004). *Jogos Educativos*. Campinas: Papyrus.
- Sócrates. (s.d.). <http://www.citador.pt/frases/citacoes/a/socrates>. Obtido de 7 de novembro de 2016.
- Tavares, A. H. (1979). *A motivação na Escola Activa*. Lisboa: Didáctica Editora.
- Tavares, S. (2015). *500 Erros mais comuns da Língua Portuguesa*. Lisboa: A esfera dos livros.
- Vieira, M. d. (2010). *O Ensino do Português*. Lisboa: FFMS.
- Vygotsky, L. S. (1934). *Pensamento e Linguagem*. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/vigo.pdf>. Obtido de 9 de novembro de 2016.
- Zeichner, K. M. (1993). *A formação reflexiva de professore: ideias e práticas*. Lisboa: FPCEUL, Educa.

Anexos

Anexo I. Carta do “Pai Natal”



Nota: Esta ideia foi adaptada da obra, *Gui e o Natal Verde no Plante Azul*, da autora Sandra Serra (2007).

Anexo II. Acróstico *Inverno*

INVERNO



Inverno é...
N
eve a cair,
V
ento a soprar
E
chuva a pingar.
R
oupas quentinhas
N
oite de Natal
O
s Reis e o Carnaval.

Anexo III. Ficha de atividades – Estudo do meio (A)

Data: _____

Nome: _____

Ficha de Estudo do Meio -2º Ano

1- Observa a imagem e responde às perguntas:

1.1-Descreve a imagem.

1.2-A que estação do ano se refere a imagem?



2- Diz o nome das estações do ano.

3- Assinala as figuras que te fazem lembrar o Inverno.



4- Completa as frases.

É a _____ mais _____ do ano.

Chove, há _____ e por vezes cai _____.

neve
vento
estação
fria

5- Pinta a figura.



Anexo IV. Ficha de atividades – Estudo do meio (B)

Data: _____

Nome: _____

Ficha de Estudo do Meio -2º Ano

1- Observa a imagem e responde às perguntas:

1.1-Descreve a imagem.

1.2-A que estação do ano se refere a imagem?



2- Diz o nome das estações do ano.

3- Assinala as figuras que te fazem lembrar o Inverno.



4- Completa as frases.

É a _____ mais _____ do ano.

Chove, há _____ e por vezes cai _____.

neve
vento
estação
fria

5- Elabora um pequeno texto sobre o Inverno.

6- Pinta a figura.



Anexo V. Adivinhas

Que é, que é...
uma caixinha
redondinha,
que pode rebolar;
Todos a podem abrir,
ninguém a sabe
fechar?



Qual é coisa, qual é ela,
que tem cabeça mas
não é gente,
e tem dente, mas não
é pente?



Estamos presas à
espiga;
Muito bem
agasalhadas;
A tirar nossas
camisas;
Se fazem as
desfolhadas.



Sou redondinha, verde
por fora...vermelha
por dentro;
No meu coração tenho
pintinhas pretas.
Quem sou?



Nota: Estes diapositivos apareciam em apresentação de PowerPoint, a imagem que revelava a resposta só aparecia depois.

Anexo VI. Texto: O Árbitro de Futebol

O Árbitro de Futebol

Era uma vez um árbitro de futebol que era muito senhor do seu nariz. E era tão senhor do seu nariz que, muitas vezes, nem reparava nas faltas graves que eram cometidas dentro do campo.

Como era muito senhor do seu nariz, também era pessoa de poucas falas. Entrava e saía do campo sem dizer “boa tarde” ou “boa noite”, pois pensava que era a melhor maneira de não dar confiança aos jogadores dos dois lados, aos dirigentes dos clubes e, naturalmente, ao público.

O árbitro tinha um nariz comprido e um brilhante apito de prata que, antes de cada jogo, se encarregava de polir demoradamente para o pôr a brilhar, pelo menos tanto como o sol escaldante das tardes de domingo.

Anexo VII. “Testemunhos” de leitura



Anexo VIII. Ficha de atividades - Português (A)

Data: _____

Nome _____

Ficha de língua Portuguesa - 2º ano

1- Elabora um pequeno texto, fazendo uma descrição de ti próprio.

Procura responder aos seguintes tópicos:

- ❖ Como te chamas;
- ❖ Onde vives;
- ❖ Como são os teus olhos;
- ❖ Como é o teu nariz;
- ❖ Como é o teu cabelo;
- ❖ Como é o teu corpo.

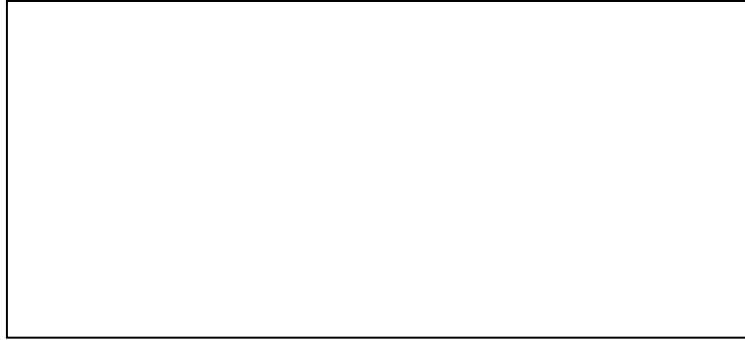
Anexo IX. Ficha de atividades - Português (B)

Data: _____

Nome _____

Ficha de língua Portuguesa - 2º ano

1- Desenha o teu retrato.



2- Elabora um pequeno texto, fazendo uma descrição de ti próprio.

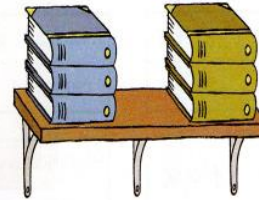
Procura responder aos seguintes tópicos:

- ❖ Como te chamas;
- ❖ Onde vives;
- ❖ Como são os teus olhos;
- ❖ Como é o teu nariz;
- ❖ Como é o teu cabelo;
- ❖ Como é o teu corpo.

Anexo X. PowerPoint: Multiplicação – Adição de parcelas iguais

Multiplicação- Adição de parcelas iguais

Multiplicação – Adição de parcelas iguais, como por exemplo:



Há 2 grupos de 3 livros
($3 + 3 = 6$)

ou

2 vezes 3 livros
($2 \times 3 = 6$)

Por exemplo:

Há 2 grupos de 2 bolas:
($2+2=4$)



OU

2 vezes 2 bolas
($2 \times 2 = 4$)



Por exemplo:

Há 3 grupos de 3 flores
($3+3+3=9$)



OU

3 vezes 3 flores
($3 \times 3 = 9$)



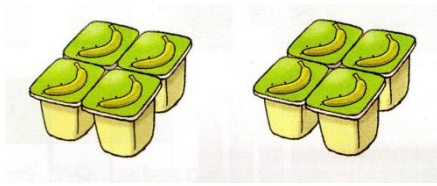
Anexo XI. Ficha de atividades – Matemática (A)

Data: _____

Nome: _____

Ficha de matemática – 2º ano

1- Completa, de acordo com o exemplo.



ou
____x4=8

4+4=



8

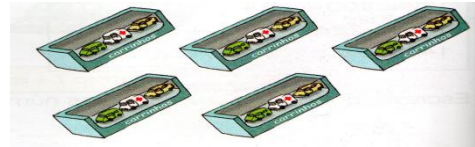
2+2+2=____

ou
____x2=____



5+5+5+5=____

ou
____x____=____

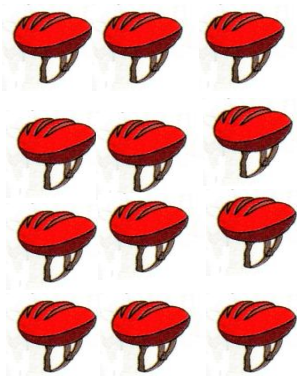


3+3+3+3+3=____

ou
____x____=____

2- Rodeia e completa, como no exemplo.

➤ 4 grupos de 3 capacetes



Ao todo há _____



$$\underline{\quad} + \underline{\quad} + \underline{\quad} + \underline{\quad} = 12$$

ou

$$4 \times \underline{\quad} = 12$$

3- Calcula mentalmente e liga corretamente, como no exemplo.

$2+2+2+2+2$ •

$5+5+5+5$ •

$3+3+3+3+3+3$ •

$7+7$ •

$9+9+9+9+9$ •

$8+8+8+8$ •

• 2×7 •

• 4×8 •

• 5×2 •

• 4×5 •

• 6×3 •

• 5×9 •

• 14

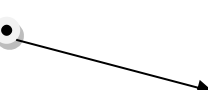
• 18

• 10

• 32

• 20

• 45



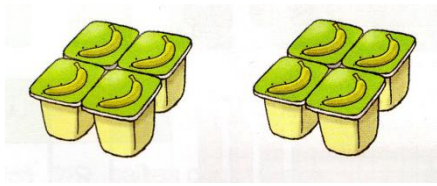
Anexo XII. Ficha de atividades – Matemática (B)

Data: _____

Nome: _____

Ficha de matemática – 2º ano

4- Completa, de acordo com o exemplo.



ou
____ x 4 = 8

4+4=



8

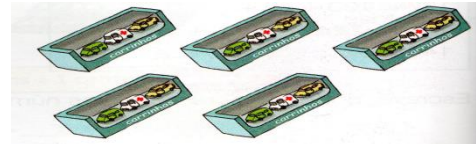
2+2+2=____

ou
____ x 2 = ____



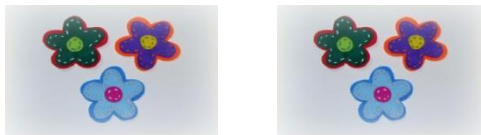
5+5+5+5=____

ou
____ x ____ = ____



3+3+3+3+3=____

ou
____ x ____ = ____



3+3=____

ou
____ x ____ = ____



2+2+2+2+=____

ou
____ x ____ = ____

5- Rodeia e completa, como no exemplo.

➤ 5 grupos de 2 automóveis



Ao todo há 10

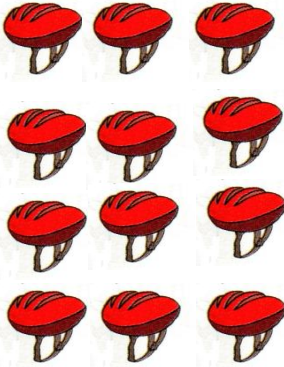


$$2 + \underline{\quad} + \underline{\quad} + \underline{\quad} + \underline{\quad} = 10$$

ou

$$5 \times \underline{\quad} = 10$$

➤ 4 grupos de 3 capacetes



Ao todo há _____



$$\underline{\quad} + \underline{\quad} + \underline{\quad} + \underline{\quad} = 12$$

ou

$$4 \times \underline{\quad} = 12$$

6- Calcula mentalmente e liga corretamente, como no exemplo.

$$2+2+2+2+2 \quad \bullet$$

$$5+5+5+5 \quad \bullet$$

$$3+3+3+3+3+3 \quad \bullet$$

$$7+7 \quad \bullet$$

$$9+9+9+9+9 \quad \bullet$$

$$8+8+8+8 \quad \bullet$$

$$\bullet 2 \times 7 \quad \bullet$$

$$\bullet 4 \times 8 \quad \bullet$$

$$\bullet 5 \times 2 \quad \bullet$$

$$\bullet 4 \times 5 \quad \bullet$$

$$\bullet 6 \times 3 \quad \bullet$$

$$\bullet 5 \times 9 \quad \bullet$$

$$\bullet 14$$

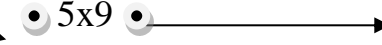
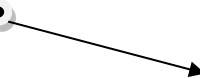
$$\bullet 18$$

$$\bullet 10$$

$$\bullet 32$$

$$\bullet 20$$

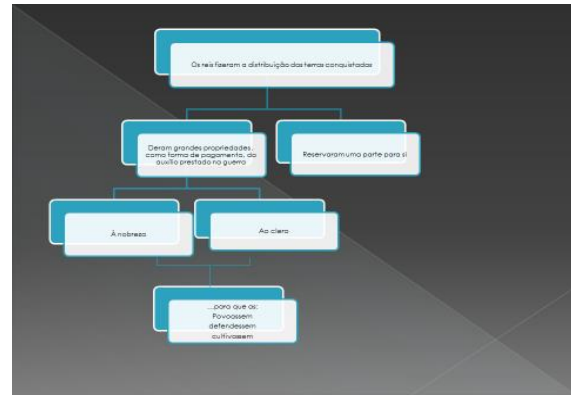
$$\bullet 45$$




Anexo XIII. PowerPoint: Portugal no século XIII – O reino de Portugal e do Algarve

Portugal no século XIII

- O reino de Portugal e do Algarve



... que cultivavam essas terras, em troca de proteção


Privilégios e obrigações!

Ordem, corretamente.

Nobreza e Clero	Povo
... muitas privilégios	... muitas obrigações
• aplicavam justiça nas suas terras	• pagava muitos impostos
• possuíam muitas terras	• prestava serviços aos donos da terra
• não pagavam impostos ao rei	• trabalhava nas terras do rei, do clero e da nobreza
• recebiam impostos do povo	

As características naturais do Reino

O povoamento e aproveitamento das terras conquistadas dependem muito das **características naturais**:

- Relevo;
- Rios;
- Clima;
- Vegetação.

Estas características sofreram alterações até à atualidade, devido:

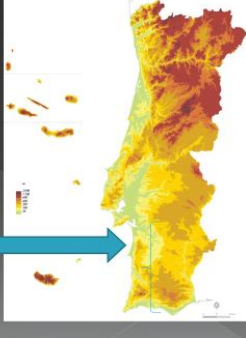
- ... à influência da própria natureza;
- ... ação do ser humano.

Quanto ao relevo

- Norte:**
 - zona das terras altas;
 - predominam os planaltos e as serras, tais como: Peneda, Gerês, Marão, Estrela.
- No litoral:**
 - predominam as pequenas planícies costeiras, tais como: Planícies fluviais do Sado e planícies fluviais do Tejo.



- No interior:**
 - predominam os planaltos e as serras.
- Sul:**
 - Zona das terras baixas e planas;
 - Aí predominam as planícies fluviais do Tejo e do Sado e as grandes planícies onduladas do Alentejo.



Os rios portugueses...

- ...correm para o Atlântico, seguindo a inclinação do relevo.
- No Norte são em maior número.
- Têm um **caudal variável**. Ou seja, não levam sempre a mesma quantidade de água.



- Eram navegáveis até bastante longe da foz. (no séc. XIII)
- Porquê?** Porque tinham muito maior quantidade de água. O desperdício e o consumo de água da atualidade é muito maior.
- A costa portuguesa era muito mais recortada;
- Tinha muitos abrigos naturais que serviam de portos;
- Os rios eram também aproveitados como vias de comunicação;

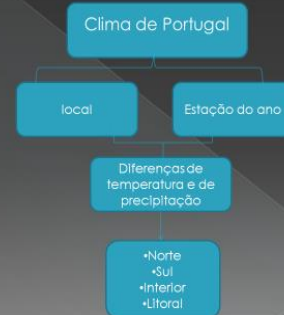


- Com o decorrer dos anos e dos séculos, a acumulação de areias (assoreamento), trazidas pelo mar e pelo vento e transportadas pelos próprios rios "alinhou" o litoral e tornou os rios menos navegáveis.

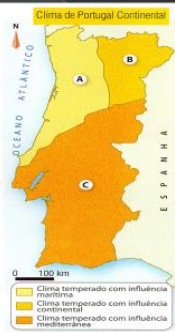


Clima

- Atualmente, tal como no século XIII...

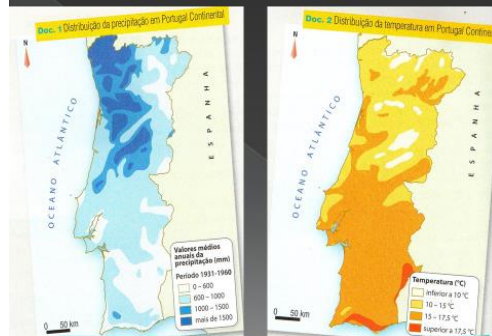


Podemos distinguir em Portugal três grande regiões climáticas:



- A- Norte litoral:**
 - Há chuvas abundantes;
 - As temperaturas são amenas (no verão e no inverno)
- B- Norte interior:**
 - Há poucas chuvas;
 - Os invernos são muito frios, com neves;
 - Os verões são quentes e secos.
- C- Sul:**
 - Há pouca chuva;
 - Os invernos são bastante suaves;
 - Os verões são quentes.

A precipitação e a temperatura em Portugal



- No século XIII a "vegetação natural", de algumas zonas, já estava modificada. Devido...



Agricultura



Pastorícia

- Faziam-se queimadas para se poderem cultivar os campos;
- O gado percorria os montes à procura de pasto.

- O território português encontrava-se, no século XIII, coberto de um manto vegetal abundante, mas com paisagens bem diferentes.

- No Norte o clima era mais frio, existiam florestas muito densas, prados naturais e campos cultivados.

Nas florestas predominavam as árvores de folha caduca, como:




Castanheiro




Carvalho

➤ No Sul, o clima era mais quente e seco, existiam florestas menos densas e grandes matagais.

Nas florestas predominam as árvores de folha persistente, como:



Sobreiro



Azinhela

➤ Nas terras baixas e alagadiças do litoral, a sul de Aveiro, existiam os pântanos onde cresciam os...



Juncos




Salgueiros



Canaviais

Provocavam inúmeras doenças, nomeadamente a **Lepra** (a mais perigosa)



Sou leproso, fui expulso da cidade e ando com uma campainha para que as pessoas se afastem de mim para não serem contaminadas!

O aproveitamento dos recursos naturais
O aproveitamento dos recursos da terra

Terrenos aráveis
(ocupavam pequenas áreas, por todo o país)



Produziam-se:

- ❖ **Cereais**- cevada, centeio, trigo, aveia e milho-múido;
- ❖ **Vinho e azeite** de boa qualidade;
- ❖ **Legumes e frutos** variados;
- ❖ **Linho**, para fazer vestuário, redes de pesca e velas de embarcações.

Terrenos bravios
(matagais, florestas e prados naturais)




Cravam-se:

- ❖ **Ovelhas e cabras** que forneciam lã, leite e carne;
- ❖ **Porcos, bois e cavalos** dos quais se aproveitava o couro, a carne e força de trabalho;

Recolham-se:

- ❖ **Lenha e madeira**;
- ❖ **Cortiça** para fazer rolhas e bóias para as redes de pesca;
- ❖ **Mel e cera** das colmeias.

➤ A vida dos pastores e dos agricultores era difícil, trabalho era manual e os instrumentos eram muito rudimentares.

➤ Como a terra era mal trabalhada e pouco adubada, a terra produzia pouco e a falta de cereais era frequente.

➤ A situação piorava nos anos de clima desfavorável, isto é...



...nos anos de grandes secas...




... ou nos anos de muita chuva.

➤ As colheitas ficavam destruídas e as pastagens para o gado reduzidas.


➤ Eram os anos das fomes e epidemias.

O aproveitamento dos recursos dos mares e dos rios

➤ Era feito através:



Pesca



salicultura

➤ Eram utilizados instrumentos muito simples: redes, linhas, anzóis, nassas, almadras e armadilhas.

Produções artesanais

Artesões
(pastores, agricultores e os pescadores)

- ❖ **Vestuário**;
- ❖ **Calçados**;
- ❖ **Instrumentos** que necessitavam no dia-a-dia (alfarjes agrícolas, redes de pesca, barcos, pipas, cestos, telhas, velas de cera, etc)

➤ Estas produções artesanais eram trabalhadas:

- à mão;
- ou com o auxílio de ferramentas muito simples.

➤ As matérias-primas utilizadas eram produtos oferecidos pela natureza, como o barro, a cera, a pedra, a madeira, a cortiça, etc. E outros fornecidos pela agricultura e pela pastorícia (linho, lã e peles).

As trocas comerciais


Para comprar ou vender produtos

Feira

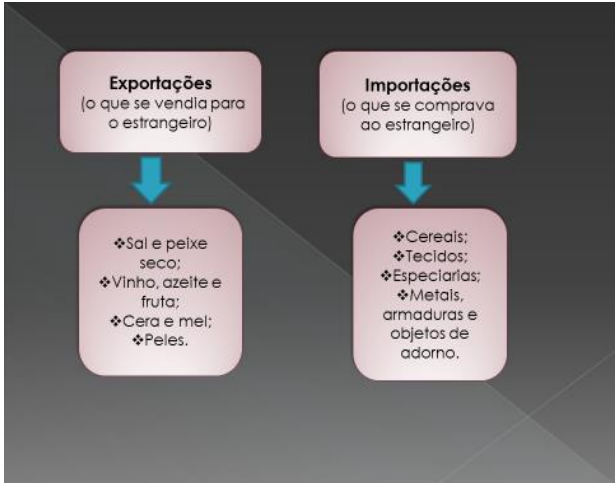
regações

camponeses

almocreves



Pequenos comerciantes que transportavam as suas mercadorias de feira em feira/terra. Eram aproveitados para envio de encomendas e mensagens.




Anexo XIV. Ficha de atividades – História e Geografia de Portugal

Nome: _____ Data: _____

Ficha de atividades: História e Geografia de Portugal - 5.º ano Portugal no século XIII – O Reino de Portugal e do Algarve

1. O relevo de Portugal apresentava vários contrastes.

Preenche o quadro com as seguintes palavras: **baixas, altas, serras, planícies costeiras, planaltos, serras e planícies.**

CARACTERÍSTICAS DO RELEVO	PORTUGAL CONTINENTAL
Nas regiões a Norte do rio Tejo predominam as terras _____, com _____ e _____.	
O Litoral é quase todo constituído por pequenas _____.	
No Interior predominam os _____ e as _____.	
As regiões a Sul do rio Tejo são constituídas por terras _____ e planas. No Alentejo estendem-se grandes _____.	

2. Completa o seguinte crucigrama com as atividades económicas no século XIII.

1	□ □ □ □ A □ □ □ □	<ol style="list-style-type: none"> 1. Criação de gado 2. Compra e venda de produtos 3. Pratica-se no campo 4. Extracção de sal 5. Actividade transformadora praticada pelo artífice 6. Pratica-se no mar e nos rios
2	□ □ □ □ □ C □ □ □	
3	□ □ □ □ □ □ □ T □ □ □ □	
	I	
	V	
4	□ □ □ I □ □ □ □ □ □ □ □ □ □	
	D	
5	□ □ □ □ □ A □ □ □ □ □	
	D	
6	□ E □ □ □ □	
	S	

3. Observa alguns dos produtos comercializados no século XIII e identifica os que eram exportados e importados.

vinho; objetos de adorno; azeite; cereais; metais; peles; sal; tecidos; peixe seco; especiarias; armaduras



4. Imagina que eras um artesão daquela época, conta como decorreria um dia do teu trabalho.

Deves referir: o artesão que eras; os produtos que fabricavas; onde o comercializavas; quantas horas trabalhavas por dia; o vestuário que usavas; ...etc.

Bom trabalho!

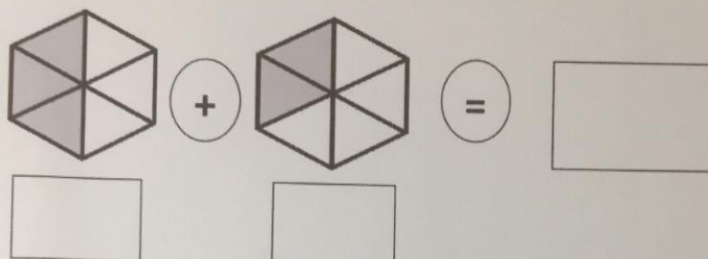


Anexo XV. Ficha de atividades – Matemática

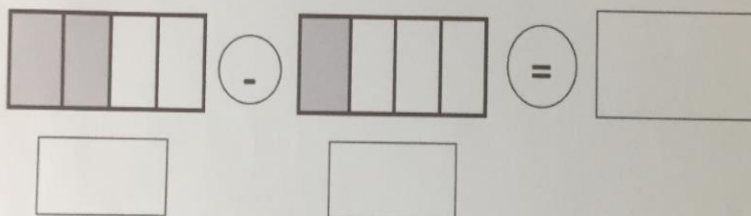
Ficha de trabalho (5.º E)

1. Observa as representações esquemáticas.
Identifica a fração correspondente à parte colorida e posteriormente o resultado.

1.1



1.2



2. Calcula o valor das operações seguintes apresentando o resultado na forma de fração irredutível

2.1 $\frac{7}{10} + \frac{2}{10} =$

2.2 $\frac{3}{6} + \frac{1}{6} =$

2.3 $\frac{6}{8} - \frac{4}{8} =$

2.4 $\frac{10}{12} - \frac{5}{12} =$

Nome: _____ N.º: _____ Data: ___/___/___

Anexo XVI. Perguntas do jogo: *O Jogo do Loto*


Quando é que uma fração se pode escrever sob a forma de numeral misto?	Indica a fração irredutível de $\frac{4}{16}$.
Transforma a fração $\frac{20}{6}$ num numeral misto.	Uma fração representa a unidade quando
Completa: O conjunto de números racionais é constituído pelo conjunto de ...	Uma fração representa um número racional menor que a unidade se o numerador for menor do que o denominador. Esta fração denomina-se...?
As frações $\frac{3}{6}$ e $\frac{24}{48}$ são equivalentes?	Uma fração representa um número racional maior que a unidade se o numerador for maior do que o denominador. Esta fração denomina-se...?
Quando os termos de uma fração não têm divisores comuns diferentes de 1, esta denomina-se...?	Das frações $\frac{11}{8}$ e $\frac{3}{8}$ qual é a que representa maior número?
Das frações equivalentes que se seguem existe um intruso. Descobre-o. $\frac{2}{8}; \frac{1}{4}; \frac{6}{8}; \frac{4}{16}$	Das frações $\frac{3}{8}$ e $\frac{3}{3}$ qual é a que representa maior número?
Indica o número que falta para que as duas frações sejam equivalentes. $\frac{24}{36} = \frac{?}{9}$	Quando as frações têm numeradores e denominadores diferentes, podem-se utilizar dois processos para fazer a respetiva comparação. Refere-os.
Indica a fração irredutível de $\frac{5}{10}$.	Transforma a fração $\frac{19}{8}$ num numeral misto.

<p>Calcula:</p> $\frac{6}{13} + \frac{5}{13} = \dots$	Qual a fração decimal que representa 35%?
<p>Calcula:</p> $\frac{8}{9} - \frac{6}{9} = \dots$	6% que número decimal representa?
<p>Calcula:</p> $\frac{2}{4} + \frac{3}{2} = \dots$	Um quarto é representado pela percentagem...
<p>Calcula:</p> $\frac{5}{2} - \frac{6}{3} = \dots$	Três quartos são representados pela percentagem ...

Anexo XVII. Proposta de escrita: *Fábrica das Histórias*




Anexo XVIII. Receita para construir histórias



RECEITA PARA CONSTRUIR HISTÓRIAS:

- Uma fórmula para começar;
- Uma porção de tempo;
- Uma porção de espaço;
- Um herói;
- Uma missão para cumprir;
- Alguma coisa ou alguém para atrapalhar o herói;
- Alguma coisa ou alguém para ajudar o herói;
- Podes juntar outras personagens;
- Muitas peripécias;
- E não pode faltar... um final feliz!



E assim começa a história...

Era uma vez...

No tempo em que os animais falavam...

No tempo em que as galinhas tinham dentes...

No tempo em que Jesus andava pelo mundo...











Há muitos... muitos anos...

No tempo em que os caracóis não andavam com a casa às costas

Há muito tempo...

Quando eu era pequenino(a) ...

Heróis

Rei 	Rainha 	Príncipe 	Princesa 	Menina 
Rapaz 	Velhinha 	Sereia 	Marinheiro 	Cavaleiro 

Os heróis vivem em algum lugar...

Castelo 	Palácio 	Torre 	Jardim 	Gruta 
Casa andante 	Cabana da neve 	Casa velha 	Navio 	Ilha 

O herói precisa de cumprir uma missão

1. Encontrar um reino perdido
2. Encontrar o marido que foi para a guerra
3. Descobrir uma princesa encantada
4. Encontrar a receita da felicidade
5. Encontrar o pai
6. Encontrar um príncipe
7. Encontrar uma erva que cura
8. Encontrar uma fortuna perdida
9. Encontrar um tesouro
10. Encontrar uma espada



A Missão vai-se cumprir num lugar

Deserto 	Vale das neves 	Floresta 	Castelo encantado 	Farol 
Labirinto 	Montanha 	Aldeia 	Ilha 	Caverna 

Os maus vão atrapalhar

Um grupo de lagartos pintados 	Uma múmia 	Um dragão 	Uma bruxa malvada 	Um bicho de cinco olhos 
Um fantasma 	Uma serpente 	Um homem de gelo 	Um pirata 	Um canibal 

Os bons aparecem para ajudar

Um extra-terrestre 	Um mágico 	Um palhaço 	Um anão 	Uma fada 
Um gato 	Um frade 	Um flautista 	Um coelho 	Uma cigana 

Os bons dão sempre alguma coisa para ajudar o herói

Uma chave que abre todas as portas 	Um chapéu que torna invisível quem o puser na cabeça 	Uma espada sagrada 	Uma vassoura mágica 	Uma erva que faz dormir 
Um novelo de ouro 	Um pássaro que canta e encanta 	Um mapa 	Um frasco cheio de neveiro 	Uma flauta que toca música maravilhosa 

**E agora chegou a hora,
vamos fechar a história**

**E no fim os maus vão ser castigados
e os bons recompensados e tudo
acaba bem.**

